

Tem, entre as mãos, uma compilação de textos vencedores do concurso «A Ética na Vida e no Desporto», dinamizado pelo Plano Nacional de Ética no Desporto (PNED) e outros parceiros, os quais convidam à reflexão e adoção de boas práticas no Desporto. Trata-se de visões e partilhas que sublinham de que forma valores como o respeito, amizade, cooperação, entre outros, se afirmam na vida e no desporto.

ÉTICA NA VIDA E NO DESPORTO

CONCEIÇÃO SOARES | JOSÉ LIMA [Coord.]

ÉTICA NA VIDA E NO DESPORTO

COMPILAÇÃO DE TEXTOS PREMIADOS
NO CONCURSO LITERÁRIO «A ÉTICA
NA VIDA E NO DESPORTO»

ISBN: 978-972-36-1883-9



9 789723 618839



ÉTICA NA VIDA E NO DESPORTO

CONCEIÇÃO SOARES | JOSÉ LIMA [Coord.]

ÉTICA NA VIDA E NO DESPORTO

**COMPILAÇÃO DE TEXTOS PREMIADOS
NO CONCURSO LITERÁRIO «A ÉTICA
NA VIDA E NO DESPORTO»**

Este livro apresenta a compilação dos textos premiados nas nove primeiras edições do Concurso Literário «A Ética na Vida e no Desporto».

Trata-se de uma iniciativa destinada a alunos do ensino secundário e dos cursos profissionais (com exceção da 1.ª edição), promovida pelo Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. – através do Plano Nacional de Ética no Desporto – com o apoio do jornal desportivo *A Bola*, da Direção-Geral da Educação/Desporto Escolar, da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, da Fundação do Desporto, do Panathlon Clube de Lisboa, da Direção Regional do Desporto dos Açores e da Direção Regional do Desporto da Madeira.



Secretaria Regional
de Educação, Ciência e Tecnologia
Direção Regional de Desporto

PREFÁCIO

O físico e o espírito

A palavra **desporto** tem as costas largas. Há um vasto número de práticas físicas relacionadas com a força, a destreza, a habilidade do pontapear ou manejar uma bola, no cavalgar, no remar, nas corridas e saltos, no lançamento de um peso, na velocidade motorizada, nas pedaladas velocipédicas, nos jogos sobre patins, na pontaria do tiro – estas e tantas mais, baseadas na competição entre os praticantes. A competição não é, em si mesma, negativa, excepto quando desenvolve paixões e hostilidades que deixam de lado um valor supremo: a ética. Todos apreciamos os confrontos competitivos em que os desportistas procuram superar os adversários, mas nunca quando se faz ou discute à margem do respeito pelos preceitos morais que designamos por ética. Em definição básica, desporto é a «prática metódica de exercícios físicos com o fim de aumentar a força, a destreza ou a beleza do corpo». Sabemos como este conceito se estende com a modernidade, mas, no essencial, afirma-se como a base ética da prática desportiva.

Hoje, mais que os competidores nos recintos, assistimos a autênticos atropelos à ética por parte de dirigentes e comentadores do desporto, tantas vezes empenhados em fomentar conflitos.

Felizmente, há ainda quem respeite regras da moral e do civismo, em síntese, a **ética no desporto**, onde se aliam o físico e o espírito.

PISTAS DIFERENTES, A MESMA META

O desporto é inerente à nossa condição de seres gregários e sociais. Seres que permanentemente procuram superar-se, na perpétua busca da perfeição. Somos competitivos por natureza, e desde os tempos remotos que encontrámos a melhor maneira de alimentar esta nossa pulsão, de forma saudável e apaixonada, através do desporto. Este é a força impulsionadora da mudança, da luta contra a rotina, que nos une mais do que nos divide. Sendo esta união muitas vezes inesperada, mas sempre única. Uma equipa, de qualquer modalidade, é formada por um aglomerado de pessoas que noutras circunstâncias provavelmente nunca se teriam cruzado, nem teriam a oportunidade de criar laços e de descobrir um segundo lar. Pessoas díspares, de locais distantes, com amigos diferentes, de realidades distintas, mas ligados pela mesma paixão – a dedicação ao desporto. Alimentando uma relação de apoio incondicional e de altruísmo pela partilha de muitas horas de suor, de sacrifício e superação. Desenvolvendo ligações que ultrapassam barreiras culturais e temporais, que derrubam preconceitos.

Assim, ao tornarmo-nos desportistas excelentes, tornamo-nos invariavelmente melhores pessoas. Porque se há amor e respeito à modalidade, por si só, pela sua beleza, qualquer atalho ou imoralidade

* 3.º Prémio [2016-2017]

torna-se um desrespeito, um descarado ataque à essência do jogo, que nos impede de preservar a arte. Assim, ao germinar dentro de nós uma crescente admiração pelo desporto, a necessidade de manter as suas regras advém conjuntamente, e este espírito é transposto para a maneira como lidamos com as situações com que nos deparamos na vida, fora do campo.

Mesmo os mais «ferrenhos» adversários, dentro e fora da competição, deviam considerar-se amigos. Pois um amigo é alguém que luta conosco, que é capaz de apontar os nossos erros, que nos faz ser melhores – e não é essa a perfeita descrição dum bom oponente?

Quer seja fora ou dentro das linhas, um adversário é uma pessoa como nós, que partilha a mesma devoção ao desporto, percebe o que significa sofrer mas não ceder à dor, ser resistente e superar o sofrimento para poder alcançar os seus objetivos. Graças à partilha desta paixão cria-se nos desportistas uma empatia suportada pela consciência de que todos correm em pistas diferentes, mas na mesma direção – somos todos apenas humanos. E é esta aceitação da nossa humanidade que sustenta a base da essência desportiva. O que nos mostra o quanto a paixão, a ética e o desporto são cruciais para a vivência do que se pode considerar uma vida «com sentido», uma vida que vale a pena e não apenas uma mera existência.

Na vida, há sempre oportunidades tentadoras de usar um atalho e saltar por cima duma barreira ética ou moral que nos coloca em vantagem. Contudo, nenhuma meta justifica o «arriscado salto». A nossa consciência deve sobrepor-se ao nosso ego e a estes dilemas, porque alcançar algo com uma fraca base moral é como construir um castelo em areia, um dia as fundações vão ceder e ruir.

Assim, se a vida é uma corrida, todos temos obstáculos a ultrapassar e com maior ou menor velocidade, incontestavelmente, todos alcançamos a mesma meta, mesmo percorrendo pistas diferentes... Portanto, devemos manter aceso na nossa memória que não se trata de ganhar a todo o custo, mas de desfrutar o jogo, pois só o jogamos uma vez!

ÉTICA É O ESPELHO DAQUILO QUE SOMOS...

Parte da Filosofia que estuda os fundamentos da moral; conjunto de regras de conduta de um indivíduo ou de um grupo - «Ética», in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. É fácil ler a definição de uma palavra no dicionário, difícil é entender a sua verdadeira essência...

Ética, moral, condutas diárias, cidadania, alicerces daquilo que nós chamamos «viver em sociedade». Nenhum de nós, cidadãos, é compelido a seguir normas éticas, nem sofre quaisquer sanções pela desobediência das mesmas. Segui-las ou não parte da vontade de cada um de nós, dos nossos fundamentos, da nossa personalidade.

Há uns meses, a propósito do tema «Ética no Desporto», realizei um trabalho sobre Yusra Mardini, uma jovem nadadora síria que partiu rumo à Grécia em busca de paz. Fugiu do seu país num barco, juntamente com a irmã e outras 18 pessoas. A meio da viagem, o barco começou a afundar e, sem olhar para trás, a jovem nadou, puxando o barco e os outros passageiros. A viagem demorou cinco horas. Uma jovem tão nova, um coração do tamanho do mundo. Para mim, isto é o que verdadeiramente representa a Ética: usar os nossos valores mais puros, os sentimentos mais bonitos, mostrar aquilo que somos e o amor pelo próximo, seja para com a nossa família, com um desconhecido ou com um adversário dentro de campo.

* 2.º Prémio [2017-2018]

Sentir aquela energia contagiante de ver a nossa equipa ganhar, de ver o nosso atleta conquistar a medalha na última volta da corrida, de sentir a emoção do estádio a cantar e saltar quando é golo, adeptos unidos, tudo isto é a magia do desporto. Não deveria haver conflitos entre equipas rivais, conversas desagradáveis entre dirigentes, treinadores, jogadores, adeptos ou simpatizantes. O desporto não é uma guerra! Não é! Mas enquanto muitos olharem para o desporto como mais um negócio que move milhões no mundo, haverá espaço para a Ética?

Se todos gostássemos das mesmas coisas, se todos víssemos as cores da mesma maneira, se todos fôssemos iguais, a vida seria bastante aborrecida. No entanto, o ser humano segue por vezes «caminhos» que violam a cidadania, o respeito pelo outro, a honestidade e deixa-se vencer pela raiva, pela ganância, pelo egoísmo, pela corrupção. O desporto deveria ser, pelo contrário, uma celebração, uma tradição que passa de geração em geração, um momento em que os cidadãos podem esquecer todas as suas preocupações diárias, todas as suas frustrações, um momento em que todos se unem em busca de algo comum: a felicidade, o prazer.

«Ética» é procurar o melhor modo de viver, o melhor estilo de vida em sociedade, fazer a coisa certa mesmo sem ninguém estar a ver. «Ética» é o espelho daquilo que nós somos. A «Ética» apenas pode ser «vestida» por aqueles que têm capacidade de compreendê-la e senti-la.

AUTOGOLO

Signal Iduna Park. 19 horas, 45 minutos. Um apito curto que coloca as pernas de 22 em movimento e o coração de milhões aos saltos. Ao fundo, um muro amarelo. Quente, vibrante, impenetrável. Mágico. Verdadeiramente mágico. Um amarelo que ri e que chora. De alegria e de tristeza. Um amarelo que sente e sentido. Infalível. Um amarelo que ama e não falha. Que grita e não se cansa.

Um cai, outro perde a bola. Um lesionado e um fora de jogo assinado.

Se eu, pequeno e despercebido pedaço de amarelo, vos pudesse dizer algo antes daquele apito curto? Não esperem um boa sorte. Pedir-vos-ia que sejam aquilo que vos torna únicos. Aquilo que são antes de serem grandes no futebol e de me arripiarem os braços com os pés. Que sejam humanos e que não levem convosco apenas o talento que deslumbra o amarelo e o azul, o verde e o vermelho. Porque o mundo se rende a vocês. Que levem os valores que fazem de nós humanidade e que honrem o símbolo que têm ao peito. Mostrem o que é garra, paixão, foco e determinação. O que é amor, ambição e gratidão. Mas, acima de tudo, façam jus à palavra que carregam no braço 90 minutos. Respect. Mostrem que somos mais do que duas pernas, do que dois pés, do que assistências e do que golos. Mais do

* 1.º Prémio [2016-2017]

Escola Secundária de Amarante | Porto

que dinheiro, somos humanos. Mais do que vitórias, somos humanidade. Lembrem-se que os vossos pés não espalham apenas a arte do futebol. Carregam ideias. E as ideias pesam tanto como uma bomba. E quando sentirem vontade de insultar, de humilhar ou até mesmo de desistir, mostrem-se verdadeiros campeões. Sejam grandes. Sejam diferentes. Sejam melhores. Sejam humanos.

45+3. O Borussia de Dortmund está a perder por uma bola, em casa. O muro amarelo chora mas não quebra.

Deste lado, aqueles que vos admiram não vos irão falhar. Há um mundo a seguir-vos e há por isso a responsabilidade de serem um exemplo. De contribuírem para a construção de um mundo melhor. Não nos falhem.

Deste lado, faremos o mesmo. Estaremos convosco sem que isso implique estar contra os outros. Estaremos cá a defender o amarelo sem odiar o vermelho e o verde. Partilhamos muito com o adversário. Em lados opostos, mas sentimos o mesmo. Em lados opostos, mas o foco é o mesmo. A paixão, a lealdade e o orgulho estão em cada canto deste estádio. Sairemos daqui de coração cheio, ainda que percam, se derem tudo em campo, se jogarem como os grandes e se forem grandes. Grandes mas humildes, grandes mas honestos. Grandes mas leais. Essa é a verdadeira grandiosidade. Este é o verdadeiro futebol. O verdadeiro desporto. Ético e livre. Acessível a todos. Sem medos.

Grande penalidade convertida por Aubameyang e golo de Bartra. O Dortmund vence por 2-1.

Ao fundo, um muro amarelo. Um unísono e longo aplauso dirigido aos adeptos adversários que souberam ganhar e perder. Um aplauso ao Dortmund que soube Ser. Humano.

Que grande metáfora da vida é o futebol, cheia de ataques e defesas. De autogolos e golos do meio campo que nos levam a uma só final: sermos humanamente campeões.

A VIDA NA CADEIA

Com as pequenas ações podemos mudar o mundo, e isso está nas nossas mãos. A ética é a relação entre aquilo que eu quero, aquilo que eu devo e aquilo que eu posso.

A ética num estabelecimento prisional é algo «sobrenatural»... mas existe como no desporto que praticamos no ginásio do Estabelecimento Prisional. Em ambos os locais cumprimos regras: temos de ser tolerantes tanto nos jogos que praticamos como no convívio, devemos respeitar as guardas prisionais, bem como as restantes reclusas. Todas tentamos que haja disciplina, pois sem ela não poderíamos viver em comunidade. A socialização, persistência e sacrifício são três características comuns ao desporto e à vida em reclusão, pois sem a socialização não convivemos, estamos sós; sem persistência, desistimos, e sem sacrifício não conseguimos lutar pelos nossos objetivos, seja uma melhor forma física, seja uma visita.

Mas o que eu encontrei dentro destas linhas de jogo, pela qual não esperava, foi a amizade e a camaradagem.

A ética deve ser considerada em cada comportamento individual, pois não devemos passar por cima de ninguém para obtermos o que queremos, seja uma saída em precária, seja o golo final nos últimos minutos.

Aqui praticamos diversos desportos, como futebol, *rugby*, andebol, *volley*, *badminton*, praticamos ainda *step* e outras danças e terapias de relaxamento. Desta forma, para tudo correr da melhor maneira é necessário que existam os princípios gerais da ética desportiva, pois sem eles seria impossível a prática de tais atividades, principalmente por se tratar de um Estabelecimento Prisional.

A ética é uma conduta pessoal que deve nortear as nossas vidas.

A VIDA É UM JOGO

A vida pessoal e social rege-se por regras. É como se fôssemos uma equipa. A prática de uma atividade desportiva coletiva pode ser comparada ao nosso quotidiano enquanto seres sociais. A vida social funciona tanto na vida como no desporto. A Ética é fundamental. O que aprendemos dentro das «quatro linhas» estende-se à nossa vida.

Enquanto elementos de uma equipa, aprendemos a seguir as regras do jogo e pomos em prática um conjunto de valores que nos permitem ser aceites. Tal como na vida também no jogo existe competição. As regras devem ser aceites e cumpridas. As hierarquias devem ser respeitadas, para evitarmos punições e sermos recompensados.

Na vida, assim como no desporto, aprendemos a negociar, a saber qual o nosso papel, a construir a nossa identidade e a estabelecer os nossos limites. Comportamentos e atitudes como a pontualidade, assiduidade e disciplina promovem uma competição leal e saudável, de onde resulta bem-estar.

A prática da atividade desportiva proporciona saúde, autoestima, equilíbrio emocional e uma mais fácil gestão de conflitos. No campo e na vida eu sou como os outros!

A competição saudável desenvolve a entreaajuda, a cooperação, a resiliência, e motiva-nos para a superação de obstáculos. Ensina-nos igualmente a ser humildes, mas também ambiciosos... O suficiente para nos valorizarmos nas quatro linhas do campo e nas da vida.

DO PENSAMENTO GREGO A ALBERT CAMUS

O Desporto e a Vida devem ser guiados por valores que completem o Homem e lhe permitam alcançar a felicidade. No século XX, Albert Camus afirmou que o que sabia acerca da moral e das obrigações humanas se devia ao futebol, referindo implicitamente o carácter educativo que o Desporto exerce sobre os seus praticantes. De que modo se relaciona, então, a Ética na Vida e no Desporto?

O ideal do Olimpismo como uma «filosofia de vida» referido no 1.º princípio orientador da Carta Olímpica remonta a uma Civilização remota. Recordando os primeiros jogos olímpicos (século VIII a.C.) invoco a Cultura Grega. O seu lema era «Mente sã em corpo são» – a aquisição de conhecimentos de retórica e aritmética conjugava-se com a preparação física. O corpo treinava-se com fins lúdicos, religiosos e de defesa da polis e o desporto valorizava-se na formação juvenil. Na Antiguidade, as mulheres não participavam em competições desportivas e, na vida pública, não tinham o direito ao voto, tampouco concedido a escravos ou estrangeiros, por não serem considerados cidadãos.

Felizmente, a preocupação ética relativa ao Desporto e à Vida mudou, após séculos de erros éticos, que agora consideramos lamentáveis por terem significado a infelicidade de tanta gente. O pensa-

* 1.º Prémio [2013-2014]

mento grego não se manteve estável e a História do Desporto viveu uma maratona de mudanças acerca do papel da educação física na Sociedade, tal como na História mudam mentalidades e costumes. No século V a.C., o melhor prémio dos vencedores era o reconhecimento público e a simbólica coroa de folhas de oliveira. Os homens competiam para representar com orgulho a sua cidade e honrar os deuses; hoje, nós, cidadãos da Nação, vemo-nos honrar orgulhosa e heroicamente os desportistas como a deuses. Alguns competem como rivais, são pagos com um papel que vale milhões, desconhecem o significado de *fair-play*, usam o *doping* para maquilhar complexos e discriminam adversários estrangeiros. Ser capaz de jogar contra adversários é conhecer a tolerância, harmonia e respeito, saber ganhar e perder, ser solidário, fazer jogo limpo e não ser violento – ser ético! O *doping* é o contrário do espírito desportivo e a violência não faz qualquer sentido se pensarmos nos objetivos fundamentais do Desporto; tal como a violência na Vida não faz qualquer sentido quando lembramos que o nosso fim é vivermos felizes entre todos.

Volto a Camus, o homem que preferia ver um jogo de futebol a assistir a uma peça de teatro. O senhor das letras sabia que em campo se aprende o que não vem nos livros. É a educação ética, que nos acompanha em qualquer lugar, que conduz a vida em Sociedade. A Ética no Desporto garante que o desportivismo não se torna num despotismo desmesurado. Afinal, não será esse o papel da Ética na Vida? De regresso aos filósofos gregos, já dizia Aristóteles: «Um homem isolado ou é uma besta ou é um deus».

A ÉTICA NA VIDA E NO DESPORTO

A Ética, quer na vida quer no desporto, requer quatro virtudes fundamentais: justiça, integridade, responsabilidade e respeito. O modelo desportivo é construído sobre a ideia de que o desporto revela o caráter e contribui para o seu incremento; com base na vertente prática podemos transportar para fora da competição efeitos que influenciam o comportamento moral e ético do ser humano. Quando falamos de ética falamos da forma como nos comportamos. A ética diz-nos como nos devemos comportar para não prejudicarmos outras pessoas, muitas vezes a ética é muito mais do que apenas cumprir a lei, ninguém pode ser obrigado a comportar-se com ética, mas as leis obedecem muitas vezes a princípios éticos. É a ética que nos faz pensar e nos diz se estamos a agir bem ou mal, ou se os outros estão a agir bem ou mal. A Ética pode variar de sociedade para sociedade, e está muito ligada à moral e à cultura de cada país.

Passando para a prática desportiva, a ética assenta num fenómeno diretamente dependente do contexto social e das ações responsáveis dos dirigentes da sociedade e do desporto. O espírito desportivo valoriza a inteligência, o corpo, a autoestima, e até o caráter do homem, que se distinguem pelos valores da ética, *fair-play*, honestidade, saúde, educação, dedicação, trabalho de equipa e respeito pelas

regras, coragem, sensibilidade e solidariedade entre participantes. Não é possível pensar em ética no desporto desvinculada de uma ética na sociedade, dado que o desporto, seja qual for a vertente, não se manifesta num vácuo social, mas sim num contexto sociocultural vinculado a uma ética de sociedade moderna. Se a educação das sociedades, sobretudo das crianças e jovens, se fundamentar nos grandes valores éticos da humanidade, estaremos a construir uma sociedade futura com qualidades de cariz humano e com consciência, com o objetivo de se tornar melhor. Temos de incentivar a sociedade a ler e a reler o livro de questões morais que possui dentro de si.

A aquisição de valores e princípios morais não se faz por imposição de decretos ou pela leitura de documentos, os valores constroem-se implicando o seu ensino e a sua prática.

O desporto, por exemplo, é feito de regras, objetivos e exigências, respeito pelos valores éticos e morais, disciplina, paciência, compreensão e respeito mútuo. É, pois, da responsabilidade pessoal e indiscutível dos respetivos pais, professores, treinadores e até dirigentes desportivos a relação entre crianças e jovens para os quais são um modelo de referência. Numa sociedade em constante construção e destruição dos modelos de referência, é importante proporcionar aos jovens o convívio com modelos positivos. Resumidamente, a Ética permite-nos ser felizes e, acima de tudo, construir e não destruir a sociedade em que estamos inseridos.

A ÉTICA NA VIDA E NO DESPORTO

Viajando através da História até aos tempos mais primórdios, em que as famílias se agregavam em grupos tribais e o homem prevalecia em relação à mulher, já se respeitava a hierarquia (por norma em função da idade). Sempre que nascia uma criança do sexo masculino, desde cedo era treinada para a caça e a luta, ser viril. Estes atos podem definir-se como princípios basilares da cultura de um povo, uma vez que assentavam no princípio de toda a coexistência e cooperação entre os Homens.

A constante transformação e evolução do Homem levou-o a adotar diferentes formas de expressão sociocultural, entre elas o desporto, como um fenómeno cultural alvo de várias modificações.

Já na Idade Média começaram a existir as «*fairs*», que eram mercados onde se cultivava a lealdade, a justiça, a honestidade e a seriedade. Este conceito, que está diretamente associado ao espírito desportivo, no final do século XIX foi agregado no desporto através de Pierre de Coubertin.

Aristóteles conferiu a primeira versão sistemática da Ética, definindo-a como sendo o compromisso efetivo do Homem que deve levar ao seu perfeccionismo pessoal; é o compromisso que se adquire consigo próprio de se ser sempre mais pessoa.

* 1.º Prémio [2012-2013]

Com a revolução industrial, verificou-se uma maior mobilidade das pessoas, associada a uma dispersão criada pelas condições de trabalho, que eram melhores nos centros urbanos, assistindo-se em simultâneo à emancipação da mulher e a fatores de desagregação social. Esta realidade contribui para a dissolução da família parental, o que, mais uma vez, vai influenciar e modificar de certa forma os comportamentos dos indivíduos e a identidade desses mesmos valores, éticos e morais, no que concerne à tolerância e ao respeito.

Mas, afinal, o que é a Ética na vida e no desporto?

Atualmente, devido a fenómenos como a globalização e a mobilidade geográfica das populações, a sociedade é marcada pela existência de diversos universos culturais, nos quais a convivência é moderadamente pacífica, pelo que se torna imprescindível o aparecimento de regras e regulamentos que correspondam a princípios morais e educativos, impondo limites ao comportamento interpessoal.

Assim, no âmbito da prática desportiva, a Ética assenta num fenómeno diretamente dependente do contexto social e das ações responsáveis dos dirigentes da sociedade e do desporto. O espírito desportivo valoriza a inteligência, o corpo, a autoestima e até o caráter do Homem, que se distinguem pelos valores da ética, *fair-play*, honestidade, saúde, educação, dedicação, trabalho de equipa e respeito pelas regras, coragem, sensibilidade e solidariedade entre participantes. Não é possível pensar em ética no desporto desvinculada de uma ética na sociedade, dado que o desporto, seja qual for a sua vertente, não se manifesta num vácuo social, mas sim num contexto sociocultural vinculado a uma ética de sociedade moderna. Dado que o acesso dos jovens à prática desportiva se faz cada vez mais de uma forma generalizada, é importante a divulgação cada vez maior dos princípios e mensagens éticas do desporto, como contributo relevante para a moralização do ato desportivo, e denunciar todos aqueles que contribuem para a criação de situações que prejudicam ou vão contra aqueles princípios.

A função social que o desporto desempenha tanto no plano formativo como no educativo obriga a que os vários responsáveis deem um

tratamento adequado aos efeitos perversos geradores de atitudes e comportamentos opostos à finalidade de um desporto que deveria ser saudável e se torna sobrevalorizado e com efeitos negativos no seu universo. Dado que o desporto é invadido pelos interesses da sociedade, cada vez mais sob a influência dos valores comerciais que lhe estão subjacentes e o sustentam, também cada vez mais é necessário impor o respeito pelas regras que o regem, mesmo que isso obrigue a algumas transformações na sua prática, o que, em alguns casos, já está enraizado há muito, não permitindo que a prática desportiva continue a ser manchada por estes fenómenos e fazendo com que a mesma regresse à competição sã e civilizada, porque sem ela também não é possível haver cooperação, nem mais evolução.

A aquisição de valores e princípios morais não se faz por imposição de decretos ou pela leitura de documentos. Esses princípios e valores constroem-se implicando o seu ensino e a sua prática. O desporto é feito de regras, objetivos e exigências, respeito pelos valores éticos e morais, disciplina, paciência, compreensão e respeito mútuo. É, pois da responsabilidade pessoal e indiscutível dos respetivos pais, professores, treinadores e até dirigentes desportivos a relação entre crianças e jovens para os quais são um modelo de referência.

Numa sociedade em constante construção e destruição dos modelos de referência, é importante proporcionar aos jovens o convívio com modelos positivos. É, ainda, importante referir que, apesar de todas as regras existentes, continua a haver violência na prática desportiva, não só entre os intervenientes diretos no desporto, em todas as modalidades, mas também nas bancadas, mostrando assim que os atos de terrorismo também estão presentes no desporto, despoletando a violência associada a este. Mais uma vez, a ética desportiva surge como uma estrutura moral que define alguns limites para o comportamento dos desportistas de forma a preservar o desporto civilizado. É possível competir respeitando o adversário, desde que se tenha a noção de que sem ele o desporto não tinha interesse. Quanto à participação de crianças e jovens em atividades desportivas, ela contribui para o seu

harmonioso desenvolvimento tanto cognitivo como físico; deve, por conseguinte, dar-se primordial importância ao respeito desportivo como elemento integrante do processo de desenvolvimento. A escola e a sociedade em que queremos viver não podem prescindir de impulsionar e exigir a participação dos alunos e professores para que sejam criadores e transmissores de conhecimento e, também, incentivadores de cultura, promovendo em paralelo a importância dos valores. Assim, a escola tem um papel fundamental na formação global do indivíduo e na inserção deste na sociedade de forma crítica e consciente. O desporto faz parte da nossa sociedade e ambos são regidos pelos mesmos sistemas de normas e valores.

Todo o Homem deveria ter a possibilidade de praticar qualquer atividade desportiva, independentemente da sua origem, sexo, raça, idade, das suas capacidades e necessidades. Qualquer que seja o conceito, a Ética é um ideal, é parte da filosofia moral que trata dos deveres do Homem, que se faz ou se pratica no seu dia a dia.

Neste mundo em constante mutação, apresenta importante relevância, considerando o Homem como um valor absoluto dos tempos modernos e a moral como parte integrante do próprio ser humano.

A prática do desporto num quadro que respeite os princípios da ética desportiva é uma meta difícil mas não impossível, constituindo uma forma de procurar, criar, influenciar e intensificar o salutar e civilizado relacionamento humano.

O RENASCER DAS CINZAS

Lisboa vestia-se de negro! Mas o novo vermelho e verde das bandeiras por vezes fazia-se sentir no mar de gente. E este não era o único mar. Também um de lágrimas inundava a cidade!

Choraria o meu povo por mim?! Porquê uma procissão tão longa e gloriosa?

Saído do Vendysset, os meus cinco fiéis companheiros de corrida carregavam o meu pobre caixão de madeira. Que fiz eu?

Apenas amei incondicionalmente o desporto...

Desde que vim ao mundo, numa casa em ruínas, senti um frémito nas pernas e nos pés, uma vontade insaciável de soltar os músculos...

Com o apoio da família, ganhei um lugar no clube e a minha primeira maratona – 1908 –, um ano de alegria, mas também de muita angústia e incerteza...

1912. Uma data cravada para sempre no meu coração. Um calor estranho em Estocolmo. Todos os olhos estavam centrados em mim, a minha missão era não defraudar a minha querida Pátria e os meus companheiros. Ponho a minha loucura ao serviço da amizade e do meu país.

Todos aquecem. Eu era a única exceção! Untei o meu corpo com um estranho líquido à base de sebo. Não o teria feito se fosse hoje! A

* 3.º Prémio [2014-2015]

Colégio dos Cedros – Gaia | Porto

ansiedade e a vontade de correr eram tantas que até da boina me esqueci. Erro crasso!

Finalmente o tiro de partida ecoou. Uns instantes depois (ou terá sido uma eternidade?) apenas via os dorsais nas costas dos restantes competidores. Tão depressa que eles corriam! Cada vez mais me atravava! Uma fraqueza imensa se apoderou de mim...

Nunca desisti, mais importante do que cair é levantar-se a seguir! Mas por muito que tentasse resistir, o meu corpo não aguentava mais. Acabou por sucumbir. A minha face estava voltada para a Mãe Natureza, o meu corpo não reagia às minhas ordens...Seria este o meu fim?

Fiquei sozinho por uns minutos, que se transformaram num infundável sacrifício.

Chegou finalmente a tão esperada equipa de socorro ! Não conseguia identificar ninguém... os meus olhos apenas distinguiam vultos, sombras, luzes. Ouvia vagamente as vozes de aflição dos meus companheiros ao longo da viagem para o hospital. Reconfortante, sem dúvida! Embora estivesse a receber o melhor tratamento possível, rodeado de quem mais me amava, os vultos que via passaram a pontos no infinito, e os pontos rapidamente a uma luz ofuscante!

E agora deparo-me com a minha própria marcha fúnebre. Será que mereço tudo isto? Ainda me lembro das parangonas dos jornais: «O seu nome ficará perpetuado através dos tempos. A coragem de um homem meridional, a pertinácia de um atleta e a energia de um português modesto de nascimento e que tão grande era nas determinações da sua vontade, em atos de coragem e amor à sua terra».

Uns poder-me-ão chamar excessivo, até mesmo louco; outros ir-me-ão apoiar na minha luta pelo desporto e pela Pátria.

A todos apenas digo: Chamo-me Francisco Lázaro, carpinteiro de profissão, atleta sem fortuna mas com grande vontade de correr, faleci a 15 de julho de 1912 num surpreendente Inferno de Estocolmo. E choro com o que vejo agora. Bem hajam!

A ÉTICA NO CENTRO

A ética permite-nos viver como verdadeiros seres humanos, detentores de capacidades de pensar. Reveste-se de uma espécie de protecionismo, reguladora do caos e do desmoronamento da sociedade. Podemos considerá-la como a arte de construir a nossa vida, portanto, sem ética o nosso dia-a-dia seria um caos axiológico, pois não conseguiríamos distinguir o que nos prejudica e o que nos beneficia. De igual modo, as nossas ações não teriam argumento, nem justificações que as fundamentassem.

A questão que se impõe hoje em dia é a subsequente: Por que existe ética? Qual a sua importância? E a resposta só pode ser esta: é com ética que podemos viver como realmente somos, ou seja, pessoas com regras e ideias, e não meros animais.

A Ética, quer no desporto, quer na vida, requer quatro virtudes fundamentais: justiça, integridade, responsabilidade e respeito. O modelo desportivo é construído sobre a ideia de que o desporto revela o carácter e contribui para o seu incremento. Com base na vertente prática podemos transportar para fora da competição efeitos que influenciam o comportamento moral e ético do ser humano.

Nélson Mandela, a título de exemplo, usou o desporto para proclamar os seus ideais de igualdade e liberdade, vivendo sob princípios

que se cruzaram enquanto representante de uma comunidade, enquanto homem, enquanto boxista e enquanto atleta amador. O desporto permite que os indivíduos busquem a excelência dentro de um acordo mútuo para definir condições. Os atletas competem uns contra os outros para serem os melhores, concordando em testar-se mutuamente numa competição justa e segura. Compartilham também paixão e alegria pelo seu desporto e o seu processo de treino e competição.

A capacidade de usar o desporto para melhorar a vida das pessoas nunca foi perdida por Néelson Mandela. Assim, somos lembrados de como o verdadeiro desporto «deve incluir todos». A frase «*give back*», proferida por este grande pacifista, lembra a ligação recíproca entre o desporto e a vida, encontrando-se aí o centro da ética.

Atualmente, a sociedade é tomada pelo conceito de que os fins justificam os meios. É o exemplo político de que não interessa com quem eu faço a aliança, desde que eu vença as eleições. É o tal «temos de ganhar, nem que seja de forma desonesta». Cabe-nos a nós, jovens, acabar com esta atitude no desporto e na vida, é um dos objetivos da ética. O desporto deve ser encarado como um formador de pessoas com valor e caráter («O desporto forma e molda o caráter»).

Tal como diz Blaise Pascal: «A consciência é o melhor livro de moral e o que menos se consulta»; portanto, se a educação das sociedades, sobretudo das crianças e jovens, se balizar nos grandes valores éticos da humanidade, estaremos a construir uma sociedade futura com qualidades de cariz humano e com consistência, com o objetivo de se tornar melhor. Temos de incentivar a sociedade a ler e reler o livro de questões morais que possui dentro de si.

A CANDIDATA IDEAL

Exmo. Sr. Desporto,

O meu nome é ética e sou licenciada em respeito, educação e justiça, pela Universidade da Consciência e Determinação. O meu objetivo principal é desenvolver as minhas capacidades e aplicar os conhecimentos adquiridos numa empresa a operar a nível mundial.

Ao longo do meu percurso académico e profissional, desenvolvi várias atividades, tais como, a consciencialização dos jovens, adultos e graúdos para a distinção entre o bem e o mal, comportamentos corretos e incorretos, o que me permitiu adquirir experiência prática na área do *fair-play*. Encaro, por conseguinte, com entusiasmo a possibilidade de integrar uma empresa de prestígio e líder no mercado, neste ramo de atividade.

Sei que lhe seria mais lucrativo empregar qualquer outro tipo de candidato, como a corrupção, a discriminação, a manipulação, o desrespeito, mas já pensou nos problemas que acabariam por lhe causar? Por outro lado, comigo a seu lado, poderíamos mudar por completo o teor da empresa, tornar os seus princípios perfeitos e passá-los a todos os que a integram.

* 1.º Prémio [2020-2021]

Neste momento deve estar a perguntar-se o que tenho de tão especial, calculo; como será possível que comigo a seu lado tanta coisa mude, certo? Bem, passarei a explicar-lhe:

Consegue imaginar uma «reunião» com duração de 90 minutos com a participação de Ronaldo, ou mesmo de 60 minutos com Alfredo Quintana, em que todos os participantes se respeitem mutuamente, exista tolerância, espírito de equipa, trabalho e dedicação para ganhar o árduo debate? Pois é, sabe bem que este cenário muitas vezes é impossível com todos os restantes candidatos a bater-lhe à porta.

Consegue pensar no prestígio que a sua empresa iria adquirir se conseguisse este enorme respeito em todas as suas reuniões, e os mesmos comportamentos nos seus espetadores?

Comigo a seu lado, tudo isso e muito mais seria possível. Iria proporcionar-lhe o prestígio mundial que sempre quis. Juntos podemos passar esta mensagem ao mundo, podemos revolucionar todas as suas multinacionais.

Por fim, gostaria ainda de dizer que, além de uma excelente profissional, ainda sou dotada de um elevado jeito para a prática desportiva; sei realizar inúmeros desportos, desde o ballet à luta, do andebol à natação, sem quaisquer limitações. Acredito que com esforço e dedicação tudo é possível e é essa mentalidade que tenciono trazer para o meu local de trabalho. Tudo isto conjugado com uma enorme serenidade e equilíbrio fazem de mim uma excelente escolha para esta vaga de emprego.

Caso disponha de alguma dúvida, comunico-lhe desde já a total disponibilidade e interesse em aprofundar as razões desta candidatura.

Na certeza de que esta carta merecerá a melhor atenção de V.Exa., subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

Ética desportiva

CARROSSEL DE DESENCONTROS

Gostaria de começar a falar da minha vida que mais parece um carrossel de emoções e de desencontros.

Tenho 73 anos e estou detido pela terceira vez. Parece impossível, não é?

O primeiro desencontro que tive foi não conhecer o meu pai e foi possivelmente o que mais me marcou e ainda permanece na minha memória como se fosse uma diluição de uma imagem que não conheci.

Criamos imagens fictícias de uma figura que nos poderia ser tão importante para a nossa formação enquanto pessoas, enquanto cidadãos conhecedores da ética na vida.

Mas o que é que eu sei sobre ética?

Sim, tenho valores éticos e morais, uma verdadeira consciência moral, mas de certa forma falhei na ética e por isso estou novamente detido.

O segundo desencontro que tive foi começar a trabalhar com 12 anos em marcenaria e me terem «roubado» a infância, ou pelo menos parte dela.

Fiz serviço militar e fui mobilizado para a Guiné-Bissau em África, onde tive experiências de guerra em 1966.

Hoje, quando penso nisso, sinto como se estivesse dentro de uma triste e melódica recordação. É uma ambivalência de sentimentos e emoções que ficam guardados num velho sótão que tenho algures na minha memória. Regressei a Portugal em 1969 e continuei a arte da marcenaria e especializei-me em restauro de antiguidades até 1970.

Fui viver para a cidade de Freiburg, na Alemanha, e continuei a trabalhar na minha arte. Restaurava igrejas e fazia aplicações de pinturas em folha de ouro até 1980.

Senti a necessidade de contar a minha história porque só fazemos uma verdadeira introspeção e reflexão do que realmente significa o conceito «Ética na vida» se nos conhecermos a nós mesmos.

Se pudesse deixar uma mensagem aos mais novos, seria a seguinte:
Cultivem o presente para que o futuro seja um lugar melhor.

A EVOLUÇÃO ÉTICA E MORAL

Ética: ciência da *moral*. Por sua vez, *moral*: ciência dos bons costumes ou dos deveres do Homem. Se *ética* e *moral* estão intrinsecamente ligadas, também o Desporto faz parte da nossa vida, do nosso quotidiano. O *Desporto*, que tem a finalidade maior no desenvolvimento físico, «subentenda-se também mental», faz parte do nosso ADN, que vem evoluindo ao longo de séculos, tal teoria de Charles Darwin, onde o mais forte prospera.

Desde sempre, a prática de exercício físico potencia as faculdades do Ser Humano ao máximo. É o que nos torna mais «perfeitos», com a constante superação do fracasso e a satisfação alcançada com o êxito. O que somos hoje é um acumular de escolhas, boas e más, durou séculos, milénios, não aconteceu do dia para a noite. O *caminho curto* esteve sempre presente na evolução do Homem mas sempre *combatido*. O Homem de hoje sofreu mutações e mutações e não parou «Ainda!». O Tempo não a estagnou, a espécie humana continua num processo evolutivo e o Desporto é parte activa dessa evolução. A competição entre *Nós* é um acto inevitável da *Nossa* espécie, está gravado no nosso código genético. Como espécie no topo da Cadeia Alimentar tivemos de criar leis, um código *moral* onde pudéssemos conviver em comunidade e prosperar, pois ao revés seria uma anarquia.

Por vezes, mais vezes do que as aceitáveis, há quem, entre nós, se esqueça de «*ser ético*» *na Vida ou mesmo no Desporto*. O erro genético (corrupção, prevaricação, suborno, adulteração, etc...) existe e existirá sempre enquanto existir a espécie humana. «Para valorizarmos o bom, tem de existir o mau». Compete-nos «separar o trigo do joio», não permitir que prevaleça quem, entre nós, não siga os nossos bons costumes. Para isso, inventaram-se os Tribunais Cíveis e a um patamar mais baixo os Tribunais do *Desporto*. Não esquecendo os tribunais espirituais, que, de certa forma, também nos conduziram até aos dias de hoje.

Quando existe um desvio comportamental de um ou mais indivíduos, o mesmo tende a ser condenado pelos demais. Quando algo de novo coloca em causa a *ética* e a *moral* aceites pela Sociedade, origina uma discussão e posterior reflexão sobre o tema e, a partir desse momento, origina uma ramificação na nossa evolução. A Razão prevalece ao ponto de a *ética* e a *moral* evoluírem para um outro estágio, pois a Sociedade evoluiu uma vez mais. A *ética* de antes já não é mais a *ética* de Agora.

Por fim, a *ética* fará sempre parte de nós, não será imutável mas sim algo que caminhará passo a passo com a evolução da nossa espécie e, por conseguinte, num universo mais pequeno, estará sempre presente nas leis do Desporto.

... e quando assim não for será o Desporto a alterar mentalidades, como já o fez no passado com a abolição da escravatura, o colonialismo ou mesmo o racismo em alguns países.

A LETRA MORTA

Ética, qual ética? Que raio...
Qual palavras bonitas
De significado vão...
Que fastio cáustico, que azia...
Vida e desporto, desporto da vida
Competição... olho por olho
Dente por dente
Ética de vencer...
De passar à frente...
Ética, qual ética?
Ética do dinheiro?
Da competitividade?
Dos milhões da publicidade?
Da trama novelística dos jornais?
Ética do medir forças
Das guerras, das escaramuças
Ética da hipocrisia,
Das falsas morais.
Ética que não dá troféus,
P'ra que serve?

P'ra contornar com *doping*,
P'ra largar bombas, lá longe,
Onde a cabeça de um árabe não tem valor?
Ética do vender mais, é estética...
Ética da negação, do fatalismo
Que queremos não conhecer...
Ética do mundo colorido e glorioso
Que cresce em pirâmide.
Ética da falta de senso,
Ética da discussão mesquinha.
A ética que se mata sozinha.
Ética... que palavra tão pobre
Em que te transformaram!!!
Perdeste a batalha.
Foste eliminada, desclassificada.
Per-deste a vida,
Foste decapitada...
Humilhada...

NUNCA É TARDE SE REALMENTE QUERES

Debatemo-nos nos dias de hoje com um problema no desporto que é a falta de ética desportiva e *fair-play*.

A existência de episódios de violência no desporto, assim como a falta de respeito pelos outros, leva-nos muitas vezes a abandonar a prática desportiva.

O desporto para mim sempre foi algo maravilhoso, sempre gostei de praticar, fosse qual fosse a modalidade.

Comecei a jogar futebol na escola com os meus amigos. Acabávamos sempre a discutir e por vezes a bater uns nos outros, pois não havia regras. Prevalencia a lei do mais forte ou do dono da bola, que, se não ganhasse, ia embora e nós ficávamos sem jogar.

Fui adotado por uma família alemã e com oito anos fui viver para Hamburgo. Era tudo muito difícil para mim. Desde a língua até ao relacionamento com as outras crianças da minha idade. Gostava de jogar futebol mas era difícil pois sentia que não era aceite pelos outros por ser estrangeiro e por não saber comunicar. Mas não desisti e passados dois meses fazia parte da equipa do colégio onde estudava.

Um dia, num jogo contra outra escola, a minha equipa perdeu e o golo foi por minha culpa. Os pais das outras crianças gritavam para dentro do campo e diziam ao treinador:

– Tira esse gajo daí, ele não joga nada.

Fui para casa pensando no que me tinha acontecido e na raiva que aquela gente sentiu por eu ter cometido um erro. Mas eu era uma criança e jogava futebol para me divertir.

Desisti, e ao longo de alguns anos não senti mais motivação para voltar a praticar desporto.

Há um ano atrás tudo mudou. Ao ser confrontado com uma situação pouco provável na minha vida, voltei a sentir o gosto e a descobrir os benefícios do desporto. Acima de tudo, voltei a ter interesse.

Precisava de uma atividade que me ajudasse a ocupar a mente, a aumentar a minha autoestima e ao mesmo tempo a voltar a criar hábitos saudáveis.

Comecei de novo a jogar futebol e no princípio custou muito a ganhar ritmo, mas atualmente sinto-me bem.

Encontrei alguém que pela primeira vez me ensinou como devemos estar no desporto, independentemente das táticas ou técnicas.

Hoje, tenho uma visão diferente do desporto, mas nunca é tarde para aprender disciplina, determinação, princípios, normas, moralidade e respeito pelo próximo, pois só assim nos podemos sentir bem ao longo da nossa vida e em qualquer grupo da sociedade em que vivemos.

A VIDA É UM JOGO

A vida é um jogo. «Tens de aprender as regras do jogo. E, depois, tens de jogar melhor do que qualquer outra pessoa», afirmava Albert Einstein. De facto, todos nos defrontamos no mesmo campeonato, o que nos distingue é a determinação e bravura com que nos dirigimos até à final.

O desporto é a derradeira expressão do corpo; é uma civilização selvagem; é a vocalização dos nossos instintos mais primitivos aliada à racionalidade inerente ao ser humano. A disciplina mental de mãos dadas com a disciplina física, a potencialização daquilo que nos define. O desporto é o fogo da querença e a faísca do empenho. Queimam-se as inseguranças e limpam-se as cinzas das escusas, num incessante incêndio de bravura.

Como é sabido, existem desportos individuais e desportos coletivos. Considero que ao longo da vida vamos fazendo opções e construindo a nossa arte de jogar. Os desportos coletivos têm um relevante papel na função social do desporto, visto que praticando este tipo de modalidades é-nos permitido conhecer novas pessoas e dar-nos a conhecer, representando-nos através do nosso estilo de jogo. Aliás, a forma como jogamos representa fielmente aquilo que somos enquanto indivíduos.

* 1.º Prémio [2015-2016]

O que é um campeão? Será um campeão aquele que joga de acordo com as regras ou aquele que efetivamente vence o jogo? Na minha opinião, campeão é alguém que se levanta da exaustão e pisa a aparente derrota, não tendo como único objetivo a vitória, mas também a segurança de que foi plenamente autêntico em campo.

A vida pode talhar-nos como suplente ou como estrela da equipa. Um bom atleta tem uma mente forte, uma mente que não deixa o corpo desistir, uma mente que desafia os limites e dilacera as barreiras do temor. Não se deve almejar pelo estrelato; a galáxia dos famosos tem acesso restrito e nem sempre quem lá reside são as estrelas mais preciosas, por vezes juntam-se meramente as mais brilhantes.

Nos dias que correm, os ídolos desportivos têm um papel fulcral não só na inspiração e motivação para a prática de desporto, como também para a formação dos seus fãs enquanto indivíduos. Pelé declarou: «Todos os miúdos no mundo que jogam futebol querem ser como o Pelé. Por isso, tenho uma grande responsabilidade em mostrar-lhes não só como ser um jogador de futebol, mas como é ser um homem». Isto demonstra que não se idolatra somente o estilo de jogo do atleta, mas o todo que representa enquanto alguém a admirar. Um ídolo é alguém que ensina, sendo.

Não nos olvidemos de que é experimentando e fracassando, tentando e falhando, que nos tornamos vencedores. Antes ser um derrotado do que um desistente. Ao menos o derrotado sabe que foi a jogo e que se aguentou firme até ao fim, ao invés do desistente, que é nada mais nada menos do que um autoderrotado. Um sujeito que perante uma roleta russa resolveu dar um tiro na própria cabeça, não se permitindo sequer aguardar pelo desfecho.

Todos os jogos têm regras. No desporto encontramos um regulamento que dita de que modo deveria decorrer a sua prática. Por outro lado, na vida não podemos considerar que exista propriamente um documento escrito que nos indique como devemos vivê-la, todavia não nos podemos alhear das regras sociais subjacentes à convivência em comunidade a que, com maior ou menor zelo, acabamos por obe-

decer. Serão estas regras um mapa para o sucesso ou um espartilho que nos impede de respirar a originalidade?

O espírito competitivo é algo inerente à condição humana. Porém, não nos podemos olvidar de que quem joga corre o risco de perder. A verdadeira questão prende-se com o tipo de riscos que estamos dispostos a correr. Estaremos nós dispostos a percorrer um deserto de lés a lés, não sabendo se estará lá, de facto, um prémio? Ou estaremos nós encurralados neste túnel pardacento, que somente se ilumina na ideia do vislumbre de vitória?

A jornada até à vitória pode ser conduzida de inúmeras formas. Há quem opte por apanhar o avião do talento, motorizado pela ambição e ladeado pelas asas da sorte e da bonança. Há quem apanhe o autocarro da equipa, inspirando-se nos seus companheiros e fiando-se no motorista. E há ainda quem vá a pé, calçando os sapatos da devoção e envergando o sobretudo da bravura, alumiado pela sede de glória e superação pessoal, transpirando obstáculos, porém jamais abrاندando a marcha.

Em suma, a vida é um jogo e está nas nossas mãos jogá-lo de acordo com as regras ou ir improvisando. Independentemente do rumo final, o indispensável é ir a jogo. Não nos deixemos silenciar por vozes medro-nhas, gritemos em coro com a bravura de quem não vacila. Ora, pois, arrisquemos, ergamo-nos contra a inércia e mexamo-nos para a vida!

DESPORTO, TALVEZ UM TUTOR PARA A VIDA

Tudo quanto sei com maior certeza sobre a moral e as obrigações dos homens devo-o ao futebol. Disse-o Alberto Camus, nobel da literatura, entusiasta do desporto. Devemos fazer nossa esta corrente de pensamento, pois a vida e o desporto não são polos opostos, não se constituem antónimos, mas completam-se mutuamente.

Qualquer desporto exige esforço, dedicação e em cada jogo há momentos de euforia e de derrota, que pouco distam um do outro – pequena ou quase nula é a diferença entre aquilo que nos deixa alegres e aquilo que nos deixa tristes. E o que é a vida senão um jogo, sem treinos, no qual o objetivo não é simplesmente ganhar, mas sim resistir e continuar, sempre, continuar... O que é a vida senão uma sinuóide para galgar, uma escadaria cujo fim é impossível ver... Como seria esta corrida, cujo objetivo é determinado por cada um, se não houvesse ninguém para nos apoiar, se não houvesse um adversário que nos fizesse continuar a correr, se não houvesse alguém, apenas alguém? Assim devemos ver o desporto, olhando o adversário como um incentivo para melhorar e continuar.

A competição é uma música que não pode ser cantada a solo, pois exige mais vozes que compitam e que procurem a perfeição, mas que não a procurem prejudicando os outros, mas melhorando-se a si pró-

* 1.º Prémio [2014-2015]

prios, não olvidando que a música dos outros também é a sua música e, que a beleza da mesma dependerá da qualidade de todos os elementos e não de um elemento singular. Por isto, uma voz não se deve sobrepor às outras pelo volume (pela arrogância, sobrançeria e jactância), mas sim pela melodia da voz que se transforma à medida que se evolui. Deste modo, quanto maior for a competição e a entreaajuda, mais bela e perfeita será a sinfonia conseguida.

Ganhar ou perder com dignidade não é apenas conquistar ou ser derrotado. Ganhar ou perder com dignidade depende, em todas as competições da vida, da atitude como encaramos a competição desde o seu início; depende da forma como interagimos com as situações – boas ou más – e também do nosso estado de espírito em competição, que deve condizer com a verdadeira essência do desporto.

É certo que para atingir um elevado grau de proficiência em qualquer modalidade desportiva é necessário empenho, trabalho, paixão, o usual «sangue, suor e lágrimas». Apesar de tudo, na realidade, não será mais difícil e talvez mais profícuo atingir a mestria no que toca à ética desportiva, à forma como encaramos o desporto? Talvez fosse por isto que Alberto Camus referia que o seu grande tutor de moral e obrigações (das quais se devem fazer atos livres e espontâneos) tenha sido o futebol...

Galguemos, pois, esta corrida sem meta, apenas com altos e baixos, e, se lhe quiserem chamar metas volantes, força, não me oponho...

Toquemos estas notas, que se fazem e refazem, da qual a melodia apenas depende de nós, construamos, pois, esta música e, se lhe quiserem chamar desporto, força, não me oponho...

ETHOS

Fazia um sereno dia de verão em Atenas. Sócrates, acompanhado do seu restrito grupo de discípulos, decidiu visitar Olímpia e ver uma corrida de quadrigas.

Disputava-se a final de uma longa eliminatória, e no estádio reuniam-se os quatro melhores carroceiros da Grécia inteira. Junto de cada participante estavam quatro ganhões de dois metros de altura por um metro de largura, cada um com um olhar mais ameaçador que o anterior. Eram feitas doze voltas à pista e o primeiro a atravessar a meta tinha como prémio, além do enorme estatuto, um lugar garantido nas Olimpíadas. Este era o evento desportivo do ano.

A arena enchia-se de espetadores, de tal forma que o ruído era ensurdecedor e o calor humano abafava o ar. Sócrates e os seus seguidores tiveram direito a lugares na primeira fila, junto de outras célebres figuras gregas.

Depois de uma extensa cerimónia de abertura, os adversários colocaram-se nas suas posições e esperaram ansiosamente o sinal que indicava o começo da corrida. O sol incidia sobre as carroças ornamentadas, conferindo-lhes um aspeto quase divino. A corneta soou e deu-se início à competição. Os adeptos nas bancadas estavam ao rubro.

* 2.º Prémio [2020-2021]

Deram-se cinco voltas e já se destacava nitidamente um vencedor, Alexandre, com os seus quatro equinos negros, parecia viajar sem esforço à frente dos seus oponentes. Era agora a décima primeira vez que passava por Sócrates, enquanto que os restantes competidores iam ainda na décima. Contudo, Alexandre não se deixava vencer pela arrogância do seu iminente sucesso e mantinha-se focado. Subitamente, sentiu-se a abrandar. Olhou para a frente e viu um dos cavalos a coxear. Sabia que não ia conseguir terminar a corrida com o animal ferido e tomou uma decisão – desprendeu-o e contou com apenas os outros três para alcançar a vitória. Pareceram-lhe horas perdidas a desfazer os nós que seguravam o cavalo, ainda que só tivessem decorrido segundos. Uma volta separava-o da glória, mas os seus adversários aproximavam-se. O estádio inteiro agora calara-se e observava atentamente Alexandre e Ethos, outro atleta, que cada vez mais diminuía a distância do primeiro lugar. Faltavam menos de cem metros para a meta e este ultrapassou o injustiçado carroceiro. Chegando perto da meta, Ethos emprega todas as suas forças em puxar as cordas, desta forma travando o seu veículo. Assim, Alexandre retomou a liderança e ganhou a corrida.

Estupefactos, ninguém na audiência compreendeu a ação nobre de Ethos e vaiaram-no. Sócrates, depois de observar este ato do puro respeito que é universal a todos os desportos e desportistas, dedicou-se a estudar a moralidade das ações, e daqui nasceu a Ética.

CARPE DIEM

Comecei por fazer uma reflexão sobre a ética na *vida*, fiquei surpreso porque percebi um pouco mais de mim.

Tenho vinte e nove anos, estou preventivamente detido e aquilo que vos posso dizer é que a infância é muito importante para que tenhamos uma estrutura emocional adaptada para enfrentar o mundo, este misterioso mundo.

Sou de etnia cigana, mas posso e sinto necessidade de vos transmitir uma mensagem: «Olha para o que eu digo e não para o que eu faço».

A vida do crime não compensa, e também posso dizer com emoção que as pessoas não valorizam simples gestos do quotidiano, como tomar um café, ver o pôr-do-sol, poder observar a beleza de um campo colorido por botões de ouro, observar nuvenzinhas cor-de-rosa, como referiu Eça de Queirós, no conto que li e de que gostei muito, «O Tesouro».

Enfim,

Carpe Diem

Aproveita o teu dia e valoriza os conselhos de quem te quer bem. Evitem cometer crimes para não viverem o que eu estou a passar todos os dias, a falta de liberdade.

ERA UMA VEZ

Era uma vez um menino chamado João que se orgulhava muito do seu pai: um futebolista muito famoso, reconhecido a nível nacional, um ídolo para todas as gerações.

Era na escola que o João sentia os benefícios de ser filho de quem era: todas as crianças gostavam dele, todas vestiam a sua camisola, todas queriam ser como o seu pai, incluindo o próprio João. Cada vez que o pai aparecia nos jornais ou na televisão, o João enchia-se de orgulho e dizia com os olhos a brilhar: «Vejam, o meu pai marcou outra vez!».

Foi assim anos a fio. O pai do João a vencer, o João a encher-se de orgulho do seu pai, os amigos do João a querer ser como ele e a idolatrá-lo, um país que se orgulhava do seu atleta.

Até que, um dia, o pai do João foi sujeito a exames, nos quais acusou *doping*, e tudo desabou! A vida do pai do João era uma farsa e a do seu filho e fãs uma ilusão. «Afinal quem é o meu pai?» – perguntava João. Era alguém que queria muito, com a sua ganância, sem princípios nem valores, ser o melhor de todos! Para ele, tudo valia para vencer e sentir-se um ídolo para toda a gente.

No dia seguinte à notícia, o João foi para a escola e começou a olhar em seu redor, percebendo que os seus colegas já não vestiam a cami-

sola do pai, olhavam para ele de outra maneira, comentavam com maldade e gozavam com ele. Tal como o João, sentiam-se enganados. Foi então que o João desistiu de ser como o seu pai e deixou o desporto. Como ele, tantas outras crianças que compravam as chuteiras iguais às do seu pai, se penteavam igual ao seu ídolo, marcavam os livres e festejavam os golos igual a ele, faziam o mesmo por todo o país. Sentindo-se enganados, desistiam!

O pai do João, por querer ser o melhor de todos e não apenas ser cada vez melhor e superar-se a si próprio, cometeu um erro e passou de bestial a besta! Acabou assim com a sua carreira, com o orgulho do seu filho e de muitas outras crianças.

Esta é a história do pai do João. Mas podia ser do nosso pai, do pai de um amigo ou de qualquer outra pessoa.

Para não cometerem o mesmo erro do pai do João ou outro que nada tem a ver com a verdade desportiva, todos os intervenientes do desporto devem pensar que, atrás deles, estão milhares de crianças a querer ser como eles. Por isso, é importante que reflitam antes de agir.

A vossa atitude, a vossa capacidade de superação e de sacrifício são inspiração para milhões de crianças em todo o mundo. As vossas atitudes podem aproximar ou afastar milhares de crianças do desporto, que é, para muitas, a única alegria, a única diversão ou até mesmo o único. Essa inspiração é transportada não só para o desporto como para a vida pessoal de cada criança.

No desporto como na vida, mais do que vencer importa como o fazemos. E, se tivermos um desporto melhor, teremos, com toda a certeza, uma sociedade melhor. Vocês podem mudar muitas vidas e fazer com que muitas crianças possam sonhar! Sejam verdadeiros convosco próprios e façam o vosso melhor, que para nós chega!

UMA CORRIDA AO FUTURO

Esta é uma história de amizade como qualquer outra. No entanto, está ainda por decifrar. A Ética junta-se com o Desporto, ouve-se o tiro de partida e o campeonato começa.

A primeira prova, enquanto dupla, requer rapidez e perspicácia. É defender sem fazer esquina, é interceptar o lançamento e vencer o duelo. Faz-se tudo e a relação está mais forte do que nunca. A segunda ronda precisa de união e certeza. É distribuir para a zona de ataque, passar para alguém encestar. Contudo, falha um pé, e acaba por se perder o ponto. Para a terceira prova é necessária força e inteligência. É atacar sem ser bloqueado, rematar sem ser defendido. Apesar de terem marcado um golo, sofreram mais.

A relação entre eles é cortada como quando a vara parte durante um salto. Ambos falharam um passo e pararam de dançar. Estão em quinto lugar, competem agora separadamente e ainda faltam alguns sets para sabermos como se vai desenvolver a corrida que acabou de encontrar um obstáculo.

Para conseguir alguma vantagem, o Desporto decide pisar a linha de fundo ao servir. Ninguém vê, e ele, confiante, passa para o terceiro lugar. A Ética, ao perceber agora que está a ser deixada para trás, ganha força e serve como nunca serviu, marcando um ponto direto.

* 3.º Prémio [2020-2021]

Estão empatados, mas, no fundo, estão a dançar natação sincronizada sem par.

Nenhum quer perder; querem continuar no pódio e vencer o troféu. Durante uma partida, o Desporto magoa um jogador em vez de se empenhar em conseguir a bola. É-lhe marcada uma falta, mas ele não desiste. Ela sente que está sem a corda que a ajuda a escalar. No entanto, ganha confiança. É escolhida para marcar um penálti e não desilude.

A Ética está agora em segundo, ele em terceiro. Sentindo-se atrapalhado, volta para dentro de campo, mas, como descarta os seus companheiros e está apenas concentrado nas suas próprias jogadas, faz falta de formação. Mais irritado fica e grita com o árbitro. Ela fica triste; não queria que a sua braçadeira se estivesse a afundar desta maneira, perdendo a sua moralidade. Contudo, ganha coragem e surfa uma grande onda sem nunca cair, consegue andar de bicicleta sem rodinhas pela primeira vez e faz o triplo mortal com que sempre sonhou.

A meta está quase a ser cortada. O Desporto sabe que só há uma jogada que o pode levar ao ouro. O som das claques ecoa no estádio e ficamos a saber através dos comentadores que o Desporto se está a dirigir à ex-parceira. Mas como podemos saber se esta história tem um final feliz se ainda está a ser vivida? Será que ele finalmente vai perceber que precisa da Ética para vencer? Ou será que vai ignorá-la, cometer mais faltas e com isso ganhar? Apenas o futuro nos poderá responder. No fundo, esta foi, é e sempre será uma corrida ao futuro.

PRESO À PISTA

O meu nome. O meu nome numa insignificante capa de jornal. Letras maiúsculas. É apenas papel e, ainda assim, sou destaque. Por entre as notícias políticas e desportivas e as nobres sátiras sociais, está o meu nome e o meu feito «ouro para Portugal».

Um leitor reformado debruça-se sobre uma mesa onde se quietavam aquelas trinta espessas e ásperas páginas de jornal. Arrastou a cadeira, o que fez com que segurasse as atenções em consequência daquele barulho azucrinante e inoportuno, e eu, num pleonasma, fitei-o com olhos de ver.

Articulava aquela informação com afago, daí ter apagado o cigarro que sustinha na mão para poder suportar aquele jornal com as duas. «Recorde nacional para o atleta», estava escrito em letras intermédias, o que salientava ainda mais o título da sinopse. E o mérito não se pressupunha, era algo que cabia a mim e apenas a mim saber. Não havia vencido a competição por mérito, mas com o auxílio de substâncias que proporcionaram ao meu corpo uma vantagem desonesta sobre os outros atletas.

O estádio estava cheio e alguns adeptos permaneciam de pé pelos três anéis da arena. O sol ofuscava-me a visão para a pista e aquecia-me o sangue. Nele sentia a adrenalina dos estimulantes e outros diu-

* 3.º Prémio [2018-2019]

réticos que atuavam em prol da minha condição física. Sentia-me bem, uma final europeia e tinha os músculos a tremular, prontos para os últimos quatrocentos metros.

Ouviu-se o som do cartucho. Até à entrada para a primeira curva, unicamente via os meus adversários pelas costas. Sentia, naquele momento, que nada me traria a medalha, mas o meu corpo opôs-se à ideia e começou a contornar quem ia na frente. Milhares de bandeiras espalhadas pelo estádio e eu à procura de uma que soubesse a casa.

Reta final e seguro um desrespeito dentro de mim. Tento encontrar misericórdia nos olhos de quem me persegue, de quem me vê a cortar a meta no lugar dianteiro. Tento encontrar misericórdia nos olhos de quem me vê no lugar mais alto do pódio.

Faço parte, agora, de uma fraude desportiva e sou exemplo de que o homem sempre supera a máquina.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO NASCIMENTO DA ÉTICA NO DESPORTO

O Futebol Clube dos Escritores defrontava o Atlético dos Filósofos. Era a luta pelo título! O testemunho mais credível que temos deste Clássico é o seguinte relato do Jornal *A Bota*:

«É dado o apito inicial e Sócrates passa a bola para Platão. Este recebe-a a medo e assume-se como seu discípulo. Chuta a bola alta para Kant e... é cortado pela única mulher em jogo. Mas que grande corte! É Florbela, a Espanca, que cabeceia a bola, num movimento singular. São várias as provocações dos adeptos, que afirmam ser uma Vergonha um filósofo perder a posse de bola para uma mulher. Mas tudo isto é ignorado pelos jogadores e a poetisa faz história no desporto (uma mulher jogar tão bem como um homem? Nunca se tinha assistido a tal...). A bola segue, ainda com Florbela, que interrompe o jogo para ajudar Agostinho da Silva, seu adversário caído no chão. A ilustre escritora é, agora, vaiada com maior intensidade, mas mantém a postura e afirma que ser desportista é *'ser mais alto,/ é ser maior do que os insultos,/ ignorar como quem beija/ é ser adversário e ajudar como quem seja/ membro da equipa de assistência médica'*. Mas que ensinamento!

Agostinho recupera e o jogo prossegue. Desta vez é Gil Vicente que tem a bola e finta não um, não dois, mas três jogadores! É um verdadeiro *Auto de um futebolista do Inferno*.

* 2.º Prémio [2019-2020]

Escola Secundária de Rio Tinto | Porto

Gil Vicente passa para Caeiro. Ou será Ricardo Reis? Enfim, é Pessoa, que recebe a bola, chega à baliza e... foi derrubado pelo adversário. Mas que grande falta, cometida por Nietzsche, o defesa central do AF. Ouvem-se de imediato reclamações do *mister*, Pe. António Vieira, que escreve um Sermão para apresentar ao árbitro e manifestações vindas das bancadas: *Morra o Dantas, morra*. (Foi o Almada, o 1.º sócio do FCE, que gritou). Naquele momento, todos os adeptos esperavam que começasse um duelo entre os dois jogadores, como era costume até então. No entanto, Nietzsche admitiu que tinha cometido uma grande penalidade e a situação resolveu-se com... um aperto de mão. Nunca antes visto! Nem foi preciso chamar George Orwell, o Big Brother Videoárbitro!

Cumpra-se então o *penalty* e é Shakespeare que vai marcar – ‘Para a direita ou para a esquerda? Eis a questão’. O dramaturgo mantém a calma, escreve uma didascália, inventa um monólogo, faz um aparte e... É GOLO! Os adeptos gritam, Camões escreve um Soneto e até a equipa adversária aplaude. Nunca se tinha registado nada assim!

É dado o apito final e constata-se que os filósofos perderam. Mas ganhou o Desporto, que descobriu novos valores! Batizaram-nos, então, como Ética no Desporto. Em nome do Respeito, do *fair-play* e do Espírito de Equipa (Amén!).

E assim mudou toda a história do Desporto. Quem diria??!!... A Ética e o Desporto têm muito em comum: o Desporto não vive sem Ética e a Ética perde muito sem o Desporto.

Oxalá estes valores fossem defendidos hoje como o foram neste dia!...

A ÉTICA NA VIDA E NO DESPORTO

Desporto e ética são duas faces da mesma moeda, o desporto só faz sentido quando o desportista reconhece e valoriza a ética no desporto.

Vive o desporto na sua plenitude, procura a arte que vive dentro de ti, deixa que a modalidade te encontre, aplica-te, encontra a tua modalidade e deixa-te ser abastecido por ela. Mas, lembra-te, não é o desporto que define um Homem, mas sim o Homem que define o desporto.

Não és aquilo que fazes, mas fazes aquilo que és. Ser desportista é ser saudável.

Ser desportista é ultrapassar barreiras, é acordar com o objetivo de ir mais além, é ver a meta antes da partida. Disciplina a tua mente e eleva-te no sacrifício físico, sê forte, anda, corre, acelera e verás que levantaraste os pés do chão. Depois do confronto com o teu adversário, dá-lhe a mão, elogia-o fervorosamente, abraça-o, pois apesar de vencido é digno de competir contigo. Vencer com lealdade e dignidade é bom, é a recompensa de todo o teu esforço, mas acima de ganhar ou perder está a participação e a recompensa física e psicológica de fazer desporto.

Ser desportista é uma mais-valia na tua vida. Agarra-te ao desporto e sê saudável.

HOMO SAPIENTE

Na história da humanidade, o desporto nasce antes de ser reconhecido como desporto. O extremo esforço físico usado pelos nossos antepassados para que a sua subsistência não fosse ameaçada certamente lhes dava «hoje» a aptidão física de que um atleta dos nossos tempos necessita para competir.

Os nossos antepassados pré-históricos, se não usassem da aptidão física e mental que o nosso corpo humano pode alcançar até a usufruir, hoje, nós, homens modernos, não estaríamos aqui.

A sua estrutura física e intelectual foi modificada evolutivamente mediante a sua necessidade...

Hoje, modificamos a nossa estrutura física por vaidade, usamos a nossa cultura desportiva para competir, ou para o nosso próprio bem-estar – o que é beneficentemente válido. Antes, essa cultura desportiva indecifrável para os demais daquela época, era usada para a sua própria subsistência. Hoje a história é outra, mais «evoluídos», não caçamos por necessidade, mas sim por desporto.

Hoje, mais elaborados e estudiosos, procuramos no pensamento científico a forma mais adequada fisiologicamente de elevar o atleta de competição ao auge na sua performance. Somos seres limitados e somos peritos em ultrapassar limites.

Evoluímos na ciência humana, no conforto, na tecnologia, na medicina, mas também «evoluímos» na decadência ética e moral, evoluímos na forma do «fazer» e regredimos no conteúdo do «ser». Somos menos prestáveis e mais egocêntricos, somos menos cooperantes e mais ambiciosos, somos mais individualistas e menos altruístas, enfim, somos solitariamente sociais. De certeza que absorveríamos grandes lições se pudéssemos regredir no tempo e ver em primeira mão o ritual ético existente em povos pré-históricos, a entreaajuda é uma mais-valia necessária para o bem comum de todos.

É importante compreendermos que somos seres influenciáveis e influenciados, uma boa atitude na vida ou no desporto gera boas atitudes, mas uma má atitude também faz o seu trabalho, é crucial – senão vital – que os agentes desportivos sejam exemplos de ética. É bom sermos pessoas importantes, mas é mais importante sermos pessoas boas. Apitos azulados, *vouchers*, *emails*, corrupção, ou tráfico de influências, são «cabeçalhos» que não devem nunca representar as grandes instituições desportivas. Tudo isso danifica o estado psíquico de milhões de pessoas, deturpando a essência desportiva, já não interessa como se vence, só interessa vencer, e isso não devia ser propriamente assim, pois 1% de desonestidade anula 99% de honestidade. Não ultrapassemos limites éticos estabelecidos pela razão humana, a evolução trouxe um maior entendimento ético, mas também nos trouxe mais condições para o asfixiar. Uma mente que tem apreço pela ética na vida e no desporto renova o seu meio ambiente (tenhamos mais valor do que preço).

Vamos ser diferentes na diferença, vamos ser conquistadores dentro da conquista! O adversário não é nosso inimigo nem nossa oposição, é sim o elo de ligação que põe à prova todo o nosso trabalho enquanto atleta, pessoa, humano. Vamos valorizar-nos uns aos outros e, mesmo na derrota, seremos invencíveis.

ÉTICA NO DESPORTO

Poderia falar do tão bom que é o desporto
Dos benefícios, das vitórias
Das conquistas e destaques a obter e vencer.

A inspiração que motiva os atletas
A injeção de adrenalina que os invade.
A energia que os completa e os destaca
São motivos, mais do que muitos, para falar do Desporto.

São razões encorajadoras para o praticar
Trabalho, esforço, profissionalismo e competências.
Medalhas, taças, diplomas, prémios, subidas ao pódio
Abençoados e Condecorados, pelas Religiões e Estado

Representam clubes, nações, amador, bairro ou sede
O desporto não tem idade, limitações de capacidades,
É uma prática que une, não vê classe ou costumes
Não vê cor ou religião, é a fusão de culturas e tradição.

O respeito é a palavra-chave
O preconceito está fora de jogo.
O público é a festa, o anfitrião os atletas
Pulmão Saúde Vida Coração Paz Harmonia Bênção União.

O que a mim me preocupa é o atleta, na 1.^a pessoa.
Aquele que teme uma lesão que ponha em risco sua carreira
Aquele que mostra medo a cada obstáculo, rezando para que nada
aconteça.

Naqueles que, juntos na disputa, a distração de um prejudica todos
Naquelas que, em conjunto, destemidas mas sozinhas, feras na
mesma.

Falo do cansaço, da rotina diária
Não fazer nada, do que os da minha idade.
Amadurecer de uma só vez, de criança para adulto
Aprender o que é a solidão, não ter uma pessoa amiga.

Ter sucesso, ser famoso, ter dinheiro que até mete nojo
E querer apenas um abraço, ou falar o mesmo idioma.
Ser obrigado a fazer o que é certo
Esforçar para além dos meus limites.

Suportar para lá do que aguento
Empenhar até ao fim dos meus instintos.
Não poder dizer um palavrão, tudo chama a atenção
Sou exemplo para muitos, venerado por uns quantos.

Caso eu falhe, sou criticado, caso vença, sou aplaudido e amado
Ninguém quer saber de como acordei e me ergui.
Ninguém faz ideia do difícil que foi sair da cama e estar ali
Estar longe da família, e do lar.

Querer um carinho e receber apenas ordens
Estar de férias, parecer apenas uns dias.
Querer uma palavra amiga e ter um conselho
Abdicar de fazer amor porque amanhã tenho prova.

Sermos pais ausentes, mesmo dando presentes
Estar com os filhos e parecermos uns estranhos.
Desgasto o meu corpo para o lucro dos outros
Usam a minha imagem, recebo uns trocos.

Amo o Desporto, respiro Desporto
E por ele amo, dum modo louco.
Amo o Desporto e faço
Desporto porque dá-me orgulho.
Eu vivo o Desporto, eu praticarei Desporto
Mesmo que doa todo o meu corpo
Até estar morto, serei o DESPORTO.



A VIDA DA ÉTICA E DO DESPORTO

Fernândcio era um rapaz com o hábito de passear, e numa manhã estava ele a percorrer o bosque quando viu uma luz reluzente e decidiu ver o que era. Era nada mais nada menos que uma menina muito bonita isolada no meio do bosque com um ar muito desolado e muito triste, mais conhecida por Ética.

O menino Fernândcio nem queria acreditar no que sucedia, e ao vê-la naquele estado de sofrimento e solidão resolveu convidá-la para beber um café no «Doping», que era o café ao lado de sua casa. Foi aí que a Ética explicou que a sua relação com o Desporto ia de mal a pior, pois sentia-se muito só por o desporto não ter tempo para ela devido às competições.

O Desporto, depois de toda a confusão com a Ética, decidiu aliviar a cabeça e sair de casa, quando dá de caras com a sua amada a beber um café com um estranho. Ficou demasiado frustrado e decidiu correr a maratona para aliviar o *stress*. Como ele sentia saudades da Ética, a sua prova nunca lhe poderia ter corrido tão mal como naquele dia escuro e sombrio, levando-o assim a agir de uma forma excessivamente agressiva e incorreta com os seus adversários.

No dia seguinte, logo pela manhã, a Ética acordou e sentiu-se culpada por ter deixado o Desporto sozinho e ter ido sair com o Fernândcio

* 2.º Prémio [2018-2019]

sem nenhuma explicação. Com esperanças de resolver a situação, decidiu ligar-lhe a convidá-lo para uma partida de bingo juntamente com uma chávena de chá de camomila.

Esquecendo por um bocado o Fernândio, a Ética e o Desporto passaram uma tarde bastante agradável naquele dia brilhante e caloroso, o mesmo não se passando com o Fernândio, pois estava com ciúmes. Muito raivoso, Fernândio decidiu engendrar vários planos com o objetivo de acabar com a cumplicidade e o amor entre eles.

Podemos dizer que ele tentou de tudo, a começar por inventar uma grave traição entre a Ética e o Ecstasy (que era um dos piores inimigos do Desporto), mas não ficou por aí. Meses mais tarde, o Fernândio acabou por enlouquecer ao tentar separá-los até que eles resolveram ter uma conversa séria com ele.

Juntaram-se todos no «Doping», quando a Ética e o Desporto explicaram a Fernândio que o amor entre eles era mais forte do que todos os planos engendrados por ele, que por mais desavenças que houvesse eles são fundamentais na vida um do outro. Fernândio finalmente percebeu que não seria correto terminar com a relação deles, pois a Ética e o Desporto são muito para além de um casal, para além de se amarem, eles valorizam muito a amizade, o respeito pelo próximo, a responsabilidade e a entreaajuda, entre muitos outros valores, com o objetivo de passar a mensagem para a sociedade.

A VIDA É UMA BOLA DE SABÃO

Todos sabemos que a vida é como uma bola de sabão: frágil, instável e efémera. A racionalidade que nos caracteriza encarrega-se de nos tornar conscientes deste determinismo. Talvez por isso, e na ausência de soluções físicas credíveis para alterar o nosso estatuto de mortais, deliberadamente ou não, alguns de nós passam grande parte da sua existência a tentar livrar-se da famigerada «lei da Morte», que o nosso Camões tornou célebre. Exemplo disso é o «peito ilustre Lusitano» que deu novos «mundos ao mundo», salgando os mares com as lágrimas de «Pessoa», lutando contra mostrengos, enfrentando a fúria de Neptuno, ao leme de frágeis naus, onde cada marinheiro reduzia a sua individualidade à grandeza de todo um povo.

Se em relação à nossa existência pouco podemos fazer, o mesmo não acontece com aquilo que conseguimos fazer com ela. Então, façamos! Elevemos a nossa vontade tão alto como as taças que queremos levantar nos estádios ou nas pistas. Transformemos a nossa vida num hino digno de ser cantado e lembrado pelas «obras valerosas». Imortalizemos a dignidade, a perseverança, o trabalho, o esforço, a dedicação, a honra e o mérito. Façamos deles os pilares da nossa sociedade de onde brotem sólidos princípios éticos e morais.

* 2.º Prémio [2016-2017]

Escola Básica e Secundária de Santa Maria | Açores

Tal como a vida de uma bola de sabão, a nossa pode ser curta, mas não tem que ser medíocre nem rasteira. Nas palavras de Leonardo Coimbra, o homem não deve ser «uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro de um mundo a fazer». Lutemos, pois, contra a mentira, a fraude, a falsidade, as trapaças. Declinemos as vitórias alcançadas com a ajuda de simulações, da «mão de Deus», do *doping*, e demais manhas e artimanhas. Tornemo-nos dignos da admiração e respeito dos outros que, afinal de contas, são a essência da vida. São o nosso outro eu. Os outros são o nosso reflexo, os que nos veem igualmente como outros. Deixemos, então, uma imagem digna de ser refletida e multiplicada. Inspiremos aqueles que procuram exemplos e que esses se transformem também em modelos a imitar. Partilhemos o Lema Olímpico proposto por Coubertin «mais rápido, mais alto, mais forte», lado a lado com os outros. Sejamos dignos das vitórias, honrando quem não ganhou. É este o verdadeiro desafio que enfrentamos: viver a vida com os valores que a dignificam. Como dizia Gandhi: «Não precisamos de apagar a luz do próximo para que a nossa brilhe».

A vida está à tua espera. O que vais fazer com ela?

ESTOU NA CORRIDA

Estou na linha de partida, lado a lado contigo, mas não me vês. Seguro o testemunho que vou transmitir a quem vier a seguir. O testemunho dá-me a segurança de um adereço que entretém as mãos inseguras. Vejo a pista que me ultrapassa e parece querer fugir de mim. Sinto-me desfalecer, mas não fraquejo. Quero desistir, mas não o faço. O tempo esvazia-se rapidamente. Os meus pensamentos são distraídos pelo som forte do sinal de partida. A corrida está lançada, mas não é igual. Procuro o lado bom da pista, mas não sou a única. Tu chegaste primeiro. Tens vantagem. Mostras segurança, força, resistência. Eu tento acompanhar o teu ritmo, mas do meu lado tudo parece mais difícil. Não esmoreço. É nestes momentos que os vencedores se afirmam. No fim de contas, a vida é feita de momentos. Instantes que queremos guardar ou esquecer.

De testemunho na mão percorro o caminho. Deixei de assistir à existência. Decidi ser eu e partilhar aquilo em que acredito. Defendo o que sinto, o que desejo, o que eu quero. Decidi ver o mundo do lado do palco, mostrar-me, dizer que estou ali, existo e quero fazer parte do estádio de que afinal faço parte.

A corrida torna-se mais dura. Sinto que as curvas e as inclinações são todas do meu lado. Tu, como homem, não me vês como uma atleta

* 1.º Prémio [2017-2018]

Escola Básica e Secundária de Santa Maria | Açores

de igual valor. Isso magoa-me, mas não me desmoraliza. Sinto-me cada vez mais forte. Quero partilhar a liderança contigo. Conquisto com esforço cada centímetro que me aproxima de ti. Quero provar a mim mesma que sou igual a ti. São estes pequenos esforços, estas pequenas centelhas de vontade, estes pequenos corpúsculos imperceptíveis, que me conduzem à essência do que sou, reconciliando-me com a existência. Luto por pequenos nada, pequenas sementes que quando germinarem terão o poder de iluminar ainda mais este arco-íris que é a vida.

Sim, eu acredito. Eu acredito que aqui posso ser quem eu sou. Estou na corrida. Ultrapasso os obstáculos que surgem na pista e sigo no teu encaço. É neste lugar que quero abraçar contigo a igualdade que tenho procurado incessantemente. É aqui que quero construir o que me falta, completar o que ainda não tenho, concretizar o meu desejo, a minha ambição, o meu direito de ser tratada como tu.

Na curva apertada, antes da meta que se aproxima, vejo-te vacilar e cair. Estou agora na frente, mas não me sinto feliz. Regresso onde te vi tombar para te apoiar. Estendo a mão para te erguer. No teu olhar, procuro que me aceites como parceira nesta corrida da vida. Procuro ter orgulho do que sou... do meu género.

De que género sou? Sou do género humano... tal como tu!

A FILOSOFIA DO DESPORTO

Muitas vezes acontecem casos caricatos no desporto e que nos fazem pensar. Seja em que modalidade for, a ética está sempre presente, mesmo que não a consigamos destacar muito durante as provas/jogos ou até mesmo nos treinos em si.

Há ações que alguns desportistas tomam perante os outros que estão plenamente conectadas à filosofia, sendo um dos casos mais destacados o *fair-play*. O conceito de *fair-play* está vinculado à ética no desporto, em que os praticantes devem procurar jogar de maneira que não prejudiquem o adversário de forma intencional. Na minha opinião, sendo também praticante de desporto, mais especificamente basquetebol, não deveria interessar mais a vitória do que um bom jogo. Um jogo bem disputado sem «roubos» e sem desordem, pois dá mais prazer jogar porque gostamos da modalidade e porque gostamos de a disputar da maneira mais correta.

Um exemplo de *fair-play*, neste caso no futebol, é o de Miroslav Klose. Já se sabe que Miroslav Klose é um verdadeiro gigante dentro dos relvados mas a atitude que o avançado alemão teve no último jogo entre Nápoles e Lázio irá ficar para a história da sua carreira: o jogo no estádio Sao Paolo estava 0-0 quando a Lázio consegue introduzir a bola na baliza do Nápoles aos três minutos de jogo. Os jogadores roma-

nos festejam, naturalmente, mas há qualquer coisa errada. Miroslav Klose não festeja. O avançado alemão marcou o golo com a mão e, enquanto os seus companheiros festejavam, dirigiu-se ao árbitro para lhe confessar o «pecado». O golo acabaria por ser anulado, e Klose receberia um enorme aplauso dos adeptos e jogadores do Nápoles.

Esta situação dá que pensar. Será que Klose agiu porque era o mais correto ou será que agiu porque achou que seria pior se não confessasse? Eu creio que ele agiu de acordo com os seus princípios como desportista, e que tomou a atitude correta sem pensar duas vezes, pois um jogo sem batota tem muito mais piada que um jogo cheio de corrupção, volto a salientar.

Outro exemplo de situação de *fair-play* no desporto é o de Ivan Fernández Anaya, neste caso no atletismo: Ivan Fernández Anaya, durante uma prova de corta-mato, em 2013, em Navarra (Espanha), teve uma atitude de grande *fair-play*. Ele era o segundo classificado da prova quando viu Abel Mutai (atleta queniano, medalha de bronze dos 3000m obstáculos nos Jogos Olímpicos em Londres), que liderava com descanso, diminuir o ritmo a menos de 20 metros da meta por achar que já tinha cruzado a linha de chegada. Ele permaneceu atrás dele, acenando para que o queniano compreendesse a situação e, quase empurrando-o, levou-o até ao fim, deixando-o vencer a prova como iria acontecer se ele não se tivesse enganado. Este sim é um forte exemplo da relação da ética com o desporto porque mostra mais uma vez o forte impacto do *fair-play*. Se Ivan não tivesse agido de maneira eticamente correta, o atleta queniano teria achado mal e ficaria revoltado com o erro que cometeu, ou seja, Ivan preferiu ajudar e causar felicidade ao atleta queniano do que ganhar a prova de maneira injusta e sem respeito.

Este último exemplo pode estar muito ligado à ética de Stuart Mill, em que uma ação é considerada boa quando causa felicidade ao maior número de pessoas, ou seja, baseia-se nas consequências das ações. Está ligado pelo facto de o atleta Ivan ter preferido causar felicidade ao atleta queniano e deixá-lo ganhar a prova do que ganhar de maneira injusta, e assim causou mais felicidade ao queniano e às pessoas que

estavam a assistir, que provavelmente acharam que foi uma acção muito emocionante e correta da parte de Ivan.

Concluindo, com estes dois exemplos podemos comprovar que o desporto sem a ética estar presente seria uma coisa banal e sem gosto porque, afinal de contas, nós assistimos e praticamos desporto porque gostamos e nos faz sentir bem, e ainda mais quando é praticado da melhor forma: respeitando as regras e com *fair-play*. Apesar de não pensarmos directamente em ética quando realizamos estas ações, verificamos que estão directamente ligadas à filosofia, mesmo que não tenhamos conhecimento disso.

PERDER OU GANHAR É DESPORTO

A Ética assume-se na nossa vida como um código de conduta que, de certa forma, nos possibilita discernir o bem do mal ou, se quisermos, um comportamento correto de um incorreto.

Ao considerar que o princípio ético, como projeto de vida, deverá assentar numa matriz orientadora, de acordo com a qual o homem regula o seu comportamento, sublinho que o código de Ética, particularmente no desporto, se deve basear em atributos próprios, consagrados no seu *fair-play*, seja ele de carácter recreativo ou de alta competição.

O 'saber perder e respeitar os adversários' faz parte de uma componente fundamental da ética desportiva. Assim, no decurso da sua prática, esta deve relevar o respeito pelas regras, bem como pelo nosso oponente. Ao não o fazermos, não só corremos o risco de perder o respeito por nós próprios, como também de (in)diretamente contribuirmos para situações de falsidade desportiva, ao nível da viciação de resultados, violência (tanto física como verbal), corrupção, *doping*, que, no limite, revelarão a nossa faceta intelectual. Nesta linha de pensamento, será legítimo assumir a verdade desportiva como o resultado de uma cultura de excelência, que reflita e enobreça as sociedades que a fomentam.

Com efeito, o recurso a práticas antidesportivas representa o oposto dos valores promovidos pelo desporto, para além de estas serem puníveis por lei. A título de exemplo, refira-se o recurso a substâncias dopantes, designadamente no desporto de alta competição, ao transformar o atleta num objeto que se usa e manipula, como se de uma máquina se tratasse, pouco importando as consequências para a sua saúde, sobretudo a dependência psicológica que estas causam, bem como os seus efeitos ao nível físico. Infelizmente, um processo, na maior parte dos casos, irreversível.

Numa área em que mais do que competir é vital ganhar, pois tal significará o reconhecimento do grande público, a consequente assinatura de contratos fabulosos e o encaixe de verbas astronómicas (impensáveis de outra forma), o atleta vê-se na contingência de a tudo recorrer, para ultrapassar os limites do potencial humano.

Considero, por isso, que o espírito desportista se manifesta, por um lado, no respeito pelas regras e regulamentos e, por outro, numa atitude permanente de superação, pela participação salutar não só com o outro, mas também contra o outro, e contra si próprio, sem que, no final desta «contenda», vença a imoralidade do homem.

HÁ SEMPRE TEMPO PARA MUDAR!

A Ética refere-se ao modo de ser, ao carácter, à realidade interior de onde provêm os atos humanos.

A ética define muito quem somos! Seja no desporto, na vida pessoal e profissional ou num grupo mais abrangente, ela define o nosso papel na sociedade. Dependendo da nossa ética, podemos ter um papel construtivo ou prejudicial na nossa sociedade e no desporto. Penso que o nosso desporto é o espelho da nossa sociedade. Como tal, todos devemos defender os valores no desporto, tornando-o o mais transparente possível.

Contudo, a sociedade mudou! Desenvolveu-se, inovou e modernizou-se e o desporto foi engolido pelo bom e pelo mal dessas mudanças. Muitas foram positivas, mas outras prejudicaram o desporto, pois, no desporto como na vida, o caminho que escolhemos é um género de prós e contras. A maneira como encaramos a modalidade que praticamos, como treinamos, como comemos, determina se vencemos ou se perdemos, se somos um ídolo ou uma fraude.

Por exemplo, Louis Armstrong foi um ídolo para milhares de pessoas durante anos a fio, até que se descobriu que era uma fraude porque se dopava para ultrapassar os seus obstáculos. Ou Mike Tyson, um campeão invencível para muitos em todo o mundo, até ser derrotado

por Evander Holyfield, no célebre combate em que Mike arrancou literalmente a orelha ao seu adversário. De facto, não era capaz de lidar com a derrota. O que Mike não sabia – ou não sabe – é que nós aprendemos mais com as derrotas do que com as vitórias. Falo por experiência própria. No meu caso, não foi no desporto mas sim na vida: todos os que souberem a origem deste texto perceberão.

Como disse anteriormente, a ética ajuda a definir-nos como pessoas. Eu estava num jogo que era a vida. Queria ganhar e atingir os meus objetivos o mais rápido possível e com o menor sacrifício possível. E o que ganhei? Nada! Vivia numa ilusão! Eu sei que não é isto que nos define como pessoas. Por isso, aprendi e mudei como pessoa. O que para mim era o correto, hoje é o errado. Os meus valores e os meus princípios mudaram. A minha ética mudou! Mas tenho a noção de que serei reconhecido pelos meus erros, tal como Armstrong e Mike. Tudo farei para mudarem de opinião e para que voltem a acreditar em mim.

O nosso desporto está a afundar-se e os jovens estão cada vez mais a afastar-se, muito por culpa de quem o dirige. Está a tornar-se apenas num negócio onde vale tudo para tirar o máximo de lucro financeiro. Por isso, é o momento de todos juntos refletirem sobre o que querem para o desporto nacional, que já nos deu tantas alegrias e atletas medalhados. Nunca é tarde para assumir os nossos erros! Temos de nos perguntar: Quem somos? O que queremos? Como queremos ser reconhecidos?

No desporto como na vida, não vale tudo para vencer. Sendo assim, peço a todos os desportistas e agentes do desporto que, mesmo que tenham cometido um erro, tão grave como o meu, corrupção, fraude, *doping* ou o que quer que seja, estão sempre a tempo de o corrigir.

O desporto precisa de todos e todos precisamos do desporto!

VAMOS MUDAR (?)

«Nascemos para ser escolhidos, vivemos para escolher».

Mia Couto

Vivemos dias difíceis. Acho que atravessamos uma crise existencial global. Porque se desviou, adulterou, o foco essencial na procura das respostas à nossa existência? O ter superou o ser.

Esta crise revela-se na prática como ausência de princípios fundamentais de ética. Esta abordagem filosófica sobre a finalidade da vida humana, essa apreciação distintiva entre o bem e o mal, o que de uma forma mais comum designamos como moral.

A falta dela reduz-nos a uma existência superficial e vã, afetando muito negativamente toda a atividade humana. Entre muitas há uma que me entristece especialmente quando vejo nela refletida as consequências da debilidade moral: o desporto.

Uma atividade que promove a saúde física e mental, a superação dos limites do ser humano, o espírito de entreatajuda, a inclusão, não deveria ser manchado por acontecimentos que nada têm a ver com os seus valores.

O talento dos atletas e o natural fascínio suscitado pela competição desportiva foram usados para criar espetáculos rentáveis e aliantes para muitos «tubarões» no oceano nada pacífico do mundo

* 1.º Prémio [2020-2021]

empresarial. Foi necessário um enorme investimento para garantir a qualidade e competitividade atlética, palcos à altura e uma difusão global, para alimentar este ambicioso projeto financeiro.

E, infelizmente, como parece ser já normal no mundo dos negócios a política do vale tudo, também na indústria do desporto se instalaram práticas idênticas. Investem-se fortunas de proveniências duvidosas com o objetivo de branquear capitais, banaliza-se o tráfico de influências, corrompem-se intervenientes e resultados.

O desporto não pode ser transformado numa teia de negócios, muitas vezes à margem da lei, nem pode ter como maior atrativo para os jovens a ilusão e ambição de alcançarem a rápida fama e fortuna.

Demonstrações xenófobas e racistas em competições desportivas acontecem também um pouco por toda a parte. É vergonhoso e repudiante ver atletas insultados, às vezes até ameaçados, só pela cor da sua pele, etnia, ou exercício de uma qualquer liberdade individual. Além de ser degradante para qualquer ser humano, para os atletas visados é verdadeiramente humilhante e perturbador.

A corrupção, a exclusão, o racismo e a xenofobia, a violência, não podem fazer parte do nosso normal quotidiano, muito menos em atividades que se destacam por princípios que defendem tudo o que contraria esses comportamentos. O desporto tem de ser um meio de desenvolvimento do ser humano. Uma forma de mobilização dos jovens, de populações, de famílias, para uma vida e convivência saudáveis.

Temos que fazer parte da mudança, individualmente, através de comportamentos e ações proativas nos nossos quotidianos e, socialmente, unindo forças e esforços. O futuro de todos nós está nas mãos de cada um.

Tudo o que escolhemos tem as suas consequências. Boas ou más.

Vamos escolher o bem, o desporto, a vida, a humanidade? Pelo *fair-play* no desporto e na vida.

Vamos mudar?

VIVA O DESPORTO. VIVA A MINHA NOVA VIDA

Debatemo-nos nos dias de hoje com um problema no desporto que é a falta de ética desportiva e *fair-play*.

A existência de episódios de violência no desporto, assim como a falta de respeito pelos outros, leva-nos muitas das vezes a abandonar a pratica desportiva.

Recordo aqui a minha vivência como desportista ao longo destes anos.

Sempre gostei de praticar desporto, mas não me identificava com a forma como muitas das vezes assistia à luta pela vitória pessoal, no custe o que custar e doa a quem doer, colocando muitas vezes a saúde física e psíquica em risco.

Desisti, e ao longo de alguns anos não mais senti motivação nem tive oportunidade para voltar a praticar desporto. Entrei em academias em várias fases da minha vida, mas sempre por vaidade ou aparência.

Um ano atrás tudo mudou. Ao ser confrontada com uma situação pouco provável na minha vida voltei a sentir o gosto e a descobrir os benefícios do desporto, e acima de tudo voltei a ter interesse.

Precisava de uma actividade que me ajudasse a ocupar a mente, aumentar a minha autoestima e ao mesmo tempo voltar a criar hábitos saudáveis, daí ter voltado a procurar uma academia, e fazer a minha inscrição.

Com a ajuda do monitor que ministra as aulas de desporto, uma pessoa que sempre me motivou, me transmitiu segurança e que me fez acreditar que tudo é possível, só basta querermos, termos disciplina e força de vontade, descobri agora sim que estava no lugar certo, na hora certa tomei a melhor decisão e encontrei a pessoa certa para me ajudar a voltar a ter prazer e acima de tudo a motivação de que estava a precisar. Perdi peso, o meu corpo aos poucos e a minha mente melhoraram e, acima de tudo, comecei a gostar de mim.

Fui convidada por esse monitor a participar numa prova de atletismo. Sem hesitar inscrevi-me com o pensamento de, independentemente de ganhar ou perder, o importante era participar e conseguir chegar ao fim.

Foi uma experiência maravilhosa. No final da prova, já esgotada e querendo desistir, fui apoiada pelos outros atletas que já tinham terminado e vieram ao meu encontro incentivando-me e acompanhando-me até ao fim.

Senti-me como uma verdadeira campeã. Não sei em que lugar cheguei, só sei que cheguei ao fim.

Aprendi com o desporto o respeito para com o próximo e a importância de participar, independentemente do ganhar ou perder.

Vivemos num mundo individualista, oportunista, que nos obriga a sermos sempre os melhores, a treinar em alto ritmo, não desistir perante as lesões ou falhanços, competir para ganhar o troféu, nem que para isso se recorra ao *doping* em forma de antidepressivos, ansiolíticos e outras batotas.

Ética desportiva surge como uma estrutura moral que define alguns limites para o comportamento dos desportistas de forma a preservar um sistema desportivo civilizado.

É possível competir respeitando o adversário, reconhecendo-lhe valor e competência.

Hoje reparo que esses valores estão distorcidos e com esta nova experiência na minha vida tenho aprendido que mesmo que te estejam a pressionar devemos fazer escolhas, e não deixar que essa falsa

visão nos contamine. Desporto é manter a dignidade em todas as circunstâncias e demonstrar que temos domínio sobre nós mesmos. E recusar que a violência física e verbal tome conta de nós.

Não tive a oportunidade de ter encontrado mais cedo alguém que me tivesse mostrado o que na realidade é o desporto, como serve de exemplo para o nosso estilo de vida e como é um excelente instrumento educacional, mas quero fazer diferente com os meus filhos.

Quero incentivá-los desde cedo à prática desportiva, escolhendo algo de que gostem. Para que descubram e firmem os valores éticos que possam levar ao longo da sua vida.

Hoje tenho uma visão diferente do desporto, mas nunca é tarde para aprender, disciplina, determinação, princípios, normas, moralidade e respeito pelo próximo, pois só assim nos podemos sentir bem ao longo da nossa vida e em qualquer grupo da sociedade em que vivemos.

Viva o desporto. Viva a minha nova vida.

A IMPORTÂNCIA DO DESPORTO

A atividade desportiva gera uma grande riqueza, tanto a nível social como a nível cultural, um meio privilegiado para transmitir os valores da ética, um exemplo a seguir. Valores como a solidariedade, a igualdade, a amizade, a lealdade, entre muitos outros, devem ser transmitidos a todos os destinatários: de praticantes a treinadores e dirigentes, passando por árbitros e juizes, até mesmo aos jornalistas, profissionais de saúde, educadores e, claro, aos adeptos. A toda a sociedade. Transversalmente. Estes valores e princípios alimentam o espírito desportivo e devem transparecer na prática desportiva, com a função de lhe dar um sentido positivo, contribuindo para o desenvolvimento harmonioso e universal de uma pessoa. Um exemplo para os mais novos, dentro e fora de qualquer competição desportiva. E devem transpor-se para o dia o dia de cada um de nós.

Nos dias de hoje, o desporto é uma verdadeira escola de liberdade e de cidadania. É uma das maiores indústrias, contribuindo para a riqueza nacional e internacional. Mas ainda é necessário prevenir a violência, rejeitar a dopagem, alertar para o racismo e a xenofobia, denunciar a discriminação social e muitos outros problemas que não podemos esquecer. O desporto será sempre o respeito pelas regras, a recusa e a denúncia da fraude ou manipulação de resultados, reconhecimento do valor dos adversários, ser correto e respeitado, sem conflito, sempre pela paz.

* 1.º Prémio [2015-2016]

ÉTICA NO DESPORTO E NA VIDA

A ética tem um papel fundamental no desporto. O desporto normalmente é visto como uma actividade física sujeita a determinados regulamentos, estando associado à competição entre praticantes.

Não podíamos estar mais enganados, pois o desporto é um fenómeno sociocultural que envolve a prática voluntária de actividade física para nos divertirmos e passar tempo, para prática profissional ou simplesmente para nos desenvolvermos, não só fisicamente, mas mentalmente também.

Entre os muitos exemplos da ética no desporto temos o *fair-play*. O *fair-play* é muito mais do que respeitar as regras, pois engloba as noções de amizade e de respeito, ou seja, podemos dizer que o *fair-play* é um modo de pensar, sendo o seu principal objetivo lutar contra a batota, o *doping* e a violência, tanto física como verbal.

O desporto deve ser visto como um fenómeno sociocultural, pois enriquece uma sociedade e cria amizades, e quando praticado legalmente ele permite ao praticante: conhecer-se (as suas fraquezas e as suas vantagens); exprimir-se; e adquirir uma arte e demonstrar as suas capacidades. Tudo isto, na maioria das vezes, proporciona ao praticante bem-estar e saúde.

Uma das coisas mais importantes no desporto é ter um espírito desportivo, ou seja, é sermos eticamente corretos enquanto praticamos desporto e, para isso, temos de respeitar certas regras, como por exemplo:

- nunca cometer uma falta de propósito;
- respeitar o árbitro não o pondo em causa, pois o seu trabalho é muito difícil;
- aceitar a derrota e não ser vingativo, pois nem sempre podemos ganhar;
- aceitar a vitória com modéstia e não ridicularizar o adversário;
- saber reconhecer o empenho e o bom trabalho dos outros jogadores;
- competir em igualdade e sem qualquer tipo de violência.

A ética é importante no desporto pois antes de sermos desportistas somos seres humanos, e os seres humanos devem respeitar-se uns aos outros e ajudarem-se em alturas de crise ou aflição, tanto na vida como no desporto.

A ÉTICA, SEM VOZ

Colocam-me no centro. Está tudo em pé de igualdade. Não há vencedores nem vencidos. Sou imparcial e apenas quero contribuir para o espetáculo. Não tenho lados, deixo-me levar por quem tem mais habilidade, sem truques nem interferências do exterior. Apenas quero rolar, ser um instrumento para a obtenção de um resultado justo. Corro durante o tempo todo, cansada, mas feliz... Às vezes voou e sou agarrada, outras sou aprisionada pelas redes... e volto ao centro. Sou acarinhada por todos, até que alguém viola as regras. E assim começa o «jogo».

Ouçoo palavras desagradáveis, talvez até nem dirigidas a mim, mas magoa-me esta frieza e falta de cooperação que me rodeia. Nem o homem de preto, mediador, juiz, consegue cumprir o seu papel e fazer com que eu seja completamente redonda. Mesmo aqueles que não me viram durante todo o tempo julgam-me por partes, repetem vezes sem conta momentos decisivos, põem-me em câmara lenta, medem ao milímetro a minha posição no campo, esquecendo-se de que nunca estou imóvel.

Assim, apercebo-me que sou preta para uns, branca para outros, pintam-me de todas as cores, tiram-me a essência e fazem de mim aquilo que não sou... mascaram-me ao sabor das vaidades e desejos

* 3.º Prémio [2019-2020]

estranhos àquilo para que fui criada. E eu continuo a rebolar, ainda com esperança, a lutar por um desfecho merecido, justo, em que eu seja a heroína. Mas, quando a competição acaba, sou criticada por todos. Aos olhos de alguns deixei-me roubar, aos olhos de outros deixei-me comprar... Os jornais e as televisões revestem-se de opiniões, todos avaliam a minha prestação. Muitas vezes, sou acusada e questionam a minha integridade.

Devia ser diferente: os que assistem, a apreciar-me independentemente do resultado, os que jogam, a fazê-lo pelo prazer, e os que mandam, a deixar ganhar quem merece. Mas, no final de contas, eu não tenho voz. Sou apenas uma peça do xadrez, um mero peão rodeado de reis e rainhas altivos nas suas torres.

Esquecem-se de que sou redonda e apenas quero rolar, livremente, empurrada pelos campos e aplaudida pelos adeptos, sem exceção.

Sou uma bola... e gostava de me chamar ética.

O DÉRBI ENTRE SER E VIVER

Todos somos atletas. De uma maneira ou de outra, todos saltamos barreiras e corremos à procura de melhores oportunidades.

Dia após dia, atamos firmemente os sapatos e entramos em campo, com um suspiro profundo que nos enche de coragem. Passam-se horas, dias, meses. O campeonato continua. Às vezes, sentimo-nos vencedores, exibimos um sorriso confiante e destemido, de quem pensa que a partida está ganha. Outras, somos surpreendidos por adversários mais fortes, remates que nos escapam e arruinam as expectativas que até aí tínhamos criado. Somos invadidos por sensações hostis, a vontade de nos desfazermos dos sapatos que agora nos incomodam como se restringissem a nossa liberdade; a urgência de desligar os holofotes que iluminam as linhas de campo, estas que agora nos confundem, como se ditassem uma série de regras às quais deixámos de saber obedecer. E, nesses dias, o campo parece mais longo do que nunca. Os rostos que nos rodeiam são agora desconhecidos. A equipa, a entreaajuda, o ambiente familiar que apoiara cada uma das nossas jogadas, esmoreceu. No chão, veem-se marcas de respeito e uma braçadeira abandonada. Nas bancadas, os aplausos pararam. O tiquetaque dos ponteiros dos relógios volta a ser audível, com o pousar das raquetes. A coreografia perde-se na sua essência, os passos dos corredores cessam. O arco

* 1.º Prémio [2018-2019]

parte-se, a flecha cai. Os cestos são engolidos pelo campo e os trampolins deixam de fazer saltar. As rodas das bicicletas prendem-se, inibindo o movimento. Contudo, os holofotes continuam ligados. E, com eles, estamos nós, num estádio sem vida.

As nossas mãos tremem, sem se atreverem a desfazer o laço dos atacadores.

Momentos antes, fora o que desejáramos. Queríamos ter jogado o nosso próprio jogo, coordenado as luzes e o campo. Queríamos ter deixado de passar a bola e esquecido os cartões erguidos. Queríamos ter libertado a nossa angústia, enfrentado a raiva que nos oprimia, sobrepondo-nos a ela. Mas, agora, tudo desaparecera.

A agressividade que nos consumira já não estava presente. Mas levava com ela o nosso futuro. A fúria passageira deixara marcas permanentes. Porque, agora, fora substituída por arrependimento. De novo, os sapatos já não nos incomodavam, e tínhamos uma enorme vontade de correr. Mas estávamos sozinhos. A magia perdera-se. Não havia vitórias, nem derrotas. Não havia equipas, nem adversários. Não havia adeptos. Não havia regras. Não havia nada, senão a memória de um atleta que deixara de o ser.

Todos somos atletas, até ao momento em que deixamos de nos comportar como tal. Perde-se a ética, perde-se o sentido de correr. Perde-se o desporto e a magia de o viver.

A ÉTICA E O DESPORTO

A ética e o desporto são sem dúvida dois fatores que nunca deveriam estar desassociados um do outro pois deveriam caminhar de mãos dadas com o objetivo de tornar o desporto, independentemente da modalidade em causa, como algo imaculado e perfeito.

O conceito de ética desportiva tem a sua génese nos conceitos históricos de honra e cavalheirismo.

De uma forma sintetizada podemos dizer que a ética é o juízo de apreciação entre o bem e o mal, podendo ainda fazer referência aos dois pilares fundamentais e estruturantes da ética desportiva que são o saber perder e o respeito pelo adversário.

No entanto, é do conhecimento geral que Ela é muitas vezes posta de parte em detrimento de bons resultados e como principal objetivo de atingir metas propostas, muitas vezes inalcançáveis sem o recurso a falta de ética. Nunca a podendo desassociar do conceito de *fair-play*, conceito este que abrange a problemática da luta contra a batota e arte de usar a astúcia, não descurando o respeito pelas regras, o *doping* e também a corrupção.

Muitas vezes a corrupção faz com que a ética passe para um plano secundário, manchando e denegrindo o bom nome e a essência mais primordial de qualquer desporto.

Temos vários casos mediáticos que retratam isso mesmo, nomeadamente o caso de Joseph Blater e Michel Platini, que foram banidos do seio da FIFA por alegados envolvimento com a corrupção. Podemos ainda referir o caso do ciclista de renome «Armstrong», que tentou falsar resultados desportivos através do uso de substâncias dopantes e não autorizadas pelas entidades reguladoras do desporto, tendo mesmo em consequência perdido todos os títulos que havia alcançado conforme notícia também divulgada pelo digníssimo jornal *A Bola*.

A utilização das referidas substâncias, e o seu refinamento para a sua não deteção, vem desvirtuar a verdade e igualdade desportivas perante a competição e não conseguem coexistir de forma saudável e cordial, desrespeitando mesmo os valores mais básicos da dignidade humana.

Acho oportuno fazer referência ao fator que mais condiciona a ética no desporto e que rege infelizmente os valores da sociedade: o Dinheiro e os grandes investimentos no setor do desporto profissional radicalizam interesses, exercem pressão sobre os resultados, catapultando para um patamar de incompatibilidade os ideais éticos de cooperação e *fair-play* na competição.

Quando falamos da velha máxima «Ganhar não é uma questão de vida ou de morte», ganhar é muito mais do que isso, sendo muitas vezes ultrapassados os limites dos regulamentos, desde que para isso aumentem as probabilidades de sucesso/ vitória não só transportando a ética desportiva para um patamar de irrelevância, mas transformando-a num verdadeiro obstáculo.

Tanto na vida como no desporto, a ética deve ser o principal orientador da sociedade contemporânea.

Sendo este o legado que deverá ser deixado para as gerações futuras, sempre tentando alcançar o limiar de um mundo perfeito.

PARA QUANDO UM LUGAR ÉTICO NO DESPORTO E NOS SEUS ADEPTOS?

Foi nos finais do século XIX, com o início dos «Jogos Olímpicos da Era Moderna», que se começou a falar da ética desportiva. Nessa altura foi elaborado um conjunto de princípios e valores que definiram o que hoje conhecemos como «Espírito Olímpico». Entre eles, valores como a amizade, o convívio, a entreajuda, o respeito, traduzindo no fundo a importância de participar, conjugando práticas onde o saber perder e o saber ganhar incorporam um ideal de «Juramento Olímpico».

No decorrer do século passado, com o aumento e massificação do desporto, em especial de algumas modalidades, este tema tornou-se mais importante do que nunca, passando a ética desportiva a ser debatida não só na vertente do praticante, mas também, não menos importante, na do adepto.

Se nos centrarmos na ética e no que ela representa, «ethos», podemos defini-la como princípio, alicerce, um conjunto de valores e modelos que moldam e formam o carácter de todas as pessoas e que vão estar presentes nas atitudes e vivências dessas pessoas, onde inserimos os praticantes de desporto e, claro, os adeptos incluídos. Estes são valores que nos identificam e definem o carácter, ou seja, cruciais!

O problema na ética desportiva é que a ética remete-nos para uma dimensão da consciência e o desporto acaba por nos remeter para uma dimensão onde a paixão domina. É neste ponto de conjugação que, por vezes, o atleta e os adeptos falham. Em nome da paixão, de interesses extrínsecos e da vontade de ganhar, perdem qualquer noção e conteúdo ético e agem de forma indigna e mesmo violenta contrariando todos os princípios socialmente aceites. Os eticamente corretos!

São diversos os dias em que somos confrontados com notícias de atos violentos no desporto. Violência «gratuita» contra adversários de outras equipas, entre adeptos, adeptos e jogadores adversários e até do mesmo clube, contra árbitros, tudo parece possível! E se olharmos atenta e isoladamente para cada um dos intervenientes destes atos, são Homens eticamente corretos que em determinado momento se deixam levar pela emoção, vontade de vencer e pelo efeito de pertença a um grupo de ideais discutíveis.

O que fazer? Que solução? Devemos procurar alterar o rumo dos acontecimentos através de uma formação digna e profunda nas camadas mais jovens, procurando recuperar os princípios e valores que prevalecem desde os primórdios do desporto, a competição saudável, com o objetivo de manter o respeito pelo adversário como base.

De que vale ganhar se não tivermos ética? De que vale ganhar se estivermos a enganar os nossos princípios para o conseguir? A vitória não deve ser conseguida a qualquer preço e deve transportar consigo valores, tais como o respeito e a verdade. Qualquer atleta deve competir respeitando o seu adversário, reconhecendo o seu valor e competência, vendo-o como indispensável, sem o qual não existe competição, e mesmo como condição de superação individual.

FICAMOS TODOS A GANHAR

Qualquer desporto tem de ser levado a sério mas na brincadeira, ou seja, tem que haver respeito mútuo sem que haja agressões, insultos (racistas; porque não jogou bem...), batotas, etc.

Jogar em equipa, sem ser egoísta, leva à vitória mesmo que essa não exista. Saber perder e saber ganhar tem que estar presente não só nas equipas como nos seus adeptos: o *fair-play*, a destruição de património são dois exemplos.

Respeitar as regras e o adversário é uma mais-valia para também ser respeitado. Ajudar o desportista quando este precisa de ser assistido pela equipa médica é um princípio do bom desportivismo. Podemos fazê-lo colocando a bola fora, ajudando o colega de equipa ou o adversário a se levantar, entre muitas outras formas de ser um adversário respeitador e com princípios éticos.

Temos também de respeitar as decisões dos árbitros, mesmo que elas sejam injustas... a verdade é sempre descoberta.

Eu próprio já estive em situações em que não respeitei o meu colega de equipa de basquete por ele não estar a passar a bola como devia ser. Então, eu, quando tinha a bola, fazia-lhe o mesmo e devido a esses erros, de ambos, colocámos toda a equipa em situações injustas, como perder o jogo.

O desporto é uma forma de podermos conviver com outras pessoas de culturas diferentes, e, claro, havendo respeito mútuo, só temos a ganhar.

ABRAÇO O DESPORTO!

Não é tanto assim o que distingue o desporto de um abraço. Quando abraçamos alguém, tornamos uma parte de nós transmissível, oferecemos o que de mais nosso temos: alma, coração, humanidade. Sem que, na maior parte das vezes, nos apercebamos da sua imensidão, a força de um simples abraço é capaz de vencer o mundo, de pôr à vista aquilo que nos torna verdadeiramente humanos.

Integridade, dignidade, respeito, cooperação, espírito de equipa. Máximas pelas quais se regula o desporto, ideais pelos quais devemos reger a nossa vida. A atividade desportiva pode – e deve, sem margem para dúvidas –, ser entendida como potenciadora de uma vida ética e moralmente digna. Só o desporto une credos e raças, géneros e culturas, passado, presente e futuro. Só o desporto nos transporta para lá de nós mesmos, incentivando quem o pratica a quebrar as suas próprias barreiras, a navegar para além do horizonte do fácil e do possível.

Dada a sua preponderância ao nível do indivíduo e da sociedade, o desporto deve, antes de mais, ser ele próprio respeitado. Respeitar o desporto significa enquadrá-lo no plano da justiça, do respeito e da cooperação e esse respeito deve partir não só do desportista, como, também, do adepto do desporto em geral. Um atleta deverá ter sempre em conta a responsabilidade que a sua atividade acarreta, para

consigo mesmo e para com os outros. O respeito pelas regras, a recusa ao consumo de substâncias ilícitas e à manipulação da verdade desportiva, deverão, a par do respeito pelo próximo, constituir valores pelos quais se deverá pautar a prática de qualquer desporto. Da mesma forma, também adeptos e apoiantes têm uma palavra a dizer, palavra essa que deverá ir ao encontro dos princípios éticos mencionados. De facto, o desporto faz-se das pessoas e para as pessoas e cabe-lhes a elas – a nós – amplificar o que de excelente este é plenamente capaz de construir.

Ainda há um longo caminho a percorrer até cruzarmos a linha de chegada, nesta maratona que todos nós, amantes do desporto, corremos, sempre com os olhos postos no quilómetro que se segue. Ética, Vida e Desporto são conceitos indissociáveis e é para a sua união equilibrada e justa que devemos direccionar a nossa audácia. Afinal de contas, não é tanto assim o que distingue o desporto de um abraço. Se neles depositarmos tudo quanto somos, seremos mais fortes. E, com certeza, teremos pernas para, juntos, cruzarmos a linha de chegada em primeiro lugar.

QUERIDO DESPORTO

Querido Desporto,
Não queria escrever-te esta carta, porém, mais do que nunca,
sinto que o tenho de fazer.

A verdade é que preciso de ti para existir, mas... e tu?

Porque é que te estás a esquecer de mim? Porque é que me evitas?
Porque é que, quando te perguntam sobre mim, reviras os olhos?

Assumiste uma postura de indiferença, não é? Agarras firmemente
a raquete e, numa tacada cuidada, afastas a minha voz, apertas os
tênis de forma decidida, como se pudesses fugir da minha argumen-
tação correta e fazes mais uma pirueta com os patins calçados, como se
tudo fosse leve e fácil para ti.

Marcas mais um cesto e, mais uma vez, és aclamado; remas em
direção à meta e congratulam-te, como sempre.

Acaba por ser irónico o esforço que fazes para alcançares os teus
objetivos. Lembras-te de quando costumava andar de braço dado con-
tigo e te segredava ao ouvido que estavas a ir na direção certa?
Mudaste e com a tua mudança eu perdi-me, não só em ti mas em
mim, tropecei na minha essência e perdi qualquer tipo de esperança
que tivesse no nosso futuro.

* 1.º Prémio [2019-2020]

No entanto, estás a perder-te, não estás? Admite. Quando estavas quase a chegar ao topo da escalada, escorregaste e talvez isso te tenha acordado da bolha em que te começavas a instalar. Ao nadares nas tuas palavras vagas e ofensivas, que, recorrentemente, te atravessavam o pensamento, não alcançaste o tempo pretendido e, acima de tudo, perdeste-te na contagem da dança. A dança que eu te ensinei a fazer.

Um passo em direção à boa educação, dois passos para a razão, uma volta sobre a entreajuda e uma pausa na inveja. Três tempos de respiração, para recuperares o fôlego e refletires sobre o que correu mal e o que podes melhorar.

Penso que é o que está a acabar comigo. A cada dia que passa vou perdendo o meu valor e começo a tornar-me vulgar não só para ti como para todos aqueles que me conheceram, que se cruzaram comigo e perceberam os meus dilemas e a frustração de não conseguir estar presente mesmo que tenha feito sempre um esforço enorme.

Lamento, a sério que lamento. Lamento que me esteja a distanciar de ti e que não grite com a mesma garra de antes nas bancadas, mas sinto que a minha voz não passa agora de um eco que ressoa pelo campo e te provoca um arrepio quando pisas o relvado, mas não te faz agir de maneira diferente.

Apesar de todo este desabafo, posso garantir-te que todas as vezes que me deixares, não vou pesar menos na tua cabeça. Aliás eu conheço-te e sei perfeitamente que estás cheio de boas intenções e que queres o bem, por isso não me vais deixar nunca. De qualquer das maneiras, peço-te que reflitas. Se não me vais deixar, lembra-te de seguir as regras que constroem a tua base, procura alcançar o sucesso com trabalho, esforço e dedicação.

Atenciosamente,
Ética

ÉTICA COM DESPORTIVISMO PARA A VIDA

Empreendo este texto sobre ética filosófica de vida, aplicável ao desporto, não como portador de conhecimento profundo de filosofia kantiana, que na verdade não possuo, reconheço, mas como atento que sou e muitas vezes à voz de minha consciência. Ou seja, escrevo como forma de ir ao encontro de mim próprio, distanciando-me diversas vezes, felizmente, da opinião dos outros. Mas agarrado a uma dose generosa de paciência, claro, pois a minha ética pessoal assim o «exige», no que a debates externos a este texto diz respeito.

O caminho ético que é levado a efeito como ferramenta para praticar o bem pode e deve, sinceramente, ser encarado como sendo algo transversal, ou não, pois muito depende dos princípios éticos de cada um, das culturas em que cada um está inserido. E, sinceramente, ao que a mim diz respeito, embora tenha vivido, aos olhos de outros, conceitos de ética menos atraentes, sou da opinião que a transversalidade do bem ético deveria, há décadas, ter sido implementada de uma forma mais vincada e credível, junto de escolas, prisões e colégios internos, por exemplo, onde as gerações mais novas dão, naturalmente, os primeiros passos de curiosidade para a vida, para as muitas ramificações inerentes à educação, como é o caso do desporto: uma das preferências existenciais maiores dos humanos.

O desporto é uma solução didática, educativa e profundamente pedagógica, um direito que, a meu ver, merece todo o destaque como exemplo de unificação universal de vida.

Quer a vida quer o desporto, por questões de evolução da vida humana, precisam de igualdade e exigem regras de conduta. Pouco importa se olhamos para a vida como parte de um desporto, ou, numa outra perspetiva, se encaramos este último como vida plena. Com ela (ética), explorada, sentida como estrutura humana essencial, é possível alterar e eliminar alguns maus hábitos e comportamentos que, de uma forma ou de outra, sustentam a vida de todos nós, que em muito pode poluir e desconstruir o ideal de equilíbrio ético universal (raciocínio que padece de utopia, é verdade, mas que não me impede sonhar de forma «impossibilitada»).

Uns, por questões de fé religiosa agarram-se a deuses como significado absoluto e correto de vida, outros, por questões intrínsecas às «verdades New Age», agarram-se exclusivamente a si próprios. Mas, sinceramente, no meio dos «pesos» sociais aqui apresentados, encontra-se a ética pelo bem como âncora, que – sejamos, pois, pragmáticos – nos leva e levará, enquanto sociedade, à globalização da sua mais positiva essência.

Dito isto, na qualidade de pessoa em regime de prisão, cujo trabalho tenho centrado no vasto mundo da ética pessoal, por várias questões, considero que o entendimento sobre o mesmo deve ser empírico, não um olhar vago que tenha como base principal, e que receio servir o retrocesso social/cultural, assente em deduções sistemáticas, com as quais a vida, a cidadania e o desporto pouco ou nada têm a aprender.

ÉTICA E FAIR-PLAY

A ética associada ao desporto adquire um novo termo. Espírito desportivo, *Fair-Play*.

Os *fairs* eram os mercados da Idade Média onde se cultivava a honestidade, lealdade, cavalheirismo, justiça e seriedade.

O *fair-play* significa muito mais do que o simples respeitar das regras, mas cobre as noções de amizade, de respeito pelo outro, e de espírito desportivo, um modo de pensar e não simplesmente um comportamento.

O conceito abrange a problemática da luta contra a batota, a arte de usar a astúcia dentro do respeito das regras, o *doping*, a violência (física e verbal), a desigualdade de oportunidades, a comercialização excessiva e a corrupção.

Devemos então entender que espírito desportivo se baseia no respeito dos regulamentos, o respeito pelos oficiais do jogo, o respeito pelos adversários, demonstrar preocupação pela igualdade de oportunidades entre os competidores e manter permanentemente a sua dignidade.

Em suma, os valores éticos educativos, veiculados pelo desporto, incluem as noções de *fair-play*, de desenvolvimento harmonioso da personalidade, da capacidade de se ultrapassar a si mesmo, da solida-

riedade, de espírito de equipa, de espírito de sacrifício, de generosidade, de respeito pelas regras estabelecidas e pelo adversário, e domínio da agressividade e da violência.

É importante que o *fair-play* se torne num hábito de todos os desportistas, pois só assim as competições se desenvolvem de forma cada vez mais justa, ou seja, sem violência e sem desrespeito.

Além disso, estas atitudes de espíritos desportivos servem de exemplo, e devem ser copiadas e incorporadas no nosso estilo de vida.

Isto reforça a ideia de que o desporto é um excelente instrumento educacional.

No tocante à actividade desportiva, que nos dias de hoje assenta numa preocupação excessiva no conceito de vitórias, esquecendo-se os seus agentes e a própria sociedade que a vitória também pode estar associada a vergonha e desonra, sem perceber as perdas designadamente de ordem individual, social e até patrimonial. É um dado adquirido que a ética consiste portanto num conjunto de valores morais existentes, e que condena todas as práticas antidesportivas. Neste sentido, e por isso, devemos defender que a ética está intimamente ligada ao conceito mais simples do ser humano, ou seja, a verdade como pilar do comportamento e formação humana e, sob pena de nos repetirmos, a deontologia indica o dever de cumprimento de regras de conduta social, as quais não se esgotam nas normas impostas.

Da noção de *fair-play* que nos é transmitida retiramos a ideia de um conjunto de condutas que desde o comportamento educacional se devem incutir em qualquer agente, a proibição das desigualdades no desporto, até a materialização de atos, os quais poderão assumir uma gravidade extrema, designadamente a utilização de substâncias químicas que adulterem fisicamente qualquer atleta, vulgarmente denominado de *doping*.

Pretende-se com o *fair-play* desportivo mais do que respeitar regras, abraçar o saber estar, o saber individual (mesmo nos desportos coletivos), a interação social, preconizar-se acima de tudo um modelo de estar.

HÁ MAR E MAR, HÁ PERDER E GANHAR...

As ondas do mar vão e voltam... num constante avanço e retrocesso, continuando sempre o seu movimento persistente. O que podemos aprender com elas na prática desportiva e, de modo global, na vida?

O desporto, que muitas vezes está associado apenas ao bem-estar físico, também está fortemente ligado ao bem-estar psicológico, estando relacionado com a própria existência humana, já que o ser humano sempre procurou ocupar o seu tempo através do desporto.

E porquê atribuir um valor tão importante ao desporto? No desporto, tal como na vida, seguimos princípios básicos que nos parecem ser os mais corretos para alcançar um objetivo comum. No caso do desporto será praticá-lo o melhor possível, seguindo as regras estabelecidas, já na vida perseguimos a autorrealização. É assim possível constatar que quanto melhor formos no desporto – nunca desistir e tentar melhorar a cada dia passado – melhores seremos na vida! O desporto transmite-nos valores inigualáveis, tais como: a amizade, a confiança, a perseverança, o respeito e a vontade de chegar mais além. É inato ao ser humano o gosto pela prática de desporto!

No entanto, e muito devido ao valor comercial que se tem vindo a atribuir às modalidades desportivas, a forma de ver e entender o des-

* 3.º Prémio [2017-2018]

Escola Básica e Secundária de Velas – S. Jorge | Açores

porto tem-se alterado. A boa-disposição e a vontade de fazer o máximo têm dado lugar a invejas e a uma fome inexplicável de vencer. O mesmo se tem observado na forma de agir das pessoas, que cada vez mais pretendem atingir o fim sem os meios. Há muito a fazer neste sentido, começando no desporto, a que os praticantes das modalidades se devem dedicar simplesmente pelo gosto de jogar e aprender a utilizar estas aprendizagens também na sua vida. Estou certo que é uma ótima maneira de alcançarmos a felicidade a cada conquista. Eu, tal como muitos outros jovens, já me apercebi disto mesmo. É hora de mudar! No desporto, devemos entender o nosso oponente como uma forma de evoluir e aprender, criando laços de amizade, nunca desistindo e aproveitando cada jogo como se fosse o último. Na vida, e baseados nos ensinamentos que o desporto nos pode transmitir, tornarmo-nos pessoas mais íntegras, honestas, sinceras, vivendo numa sociedade mais coesa que utilize as nossas diferenças para nos unir ainda mais. Estou ansiosamente à espera da mudança. É tempo de mostrar a toda a gente um outro ponto de vista tanto na forma de encarar o desporto como também a vida!

Assim, a ética apresenta-se como um conceito de difícil definição e aplicabilidade, uma vez que está diretamente relacionada com o nosso comportamento no dia-a-dia. A ética pode considerar-se a arte de construir a nossa própria vida assente em pilares fundamentais dos quais não prescindimos e não uma simples resposta imediata. Nesse processo construtivo podemos aprender muito com o constante movimento das ondas e aplicá-lo às nossas vidas, porque o importante é continuar a dedicarmo-nos para sermos melhores, tal como a natureza nos ensina!

DIFÍCIL NÃO É FAZER O QUE É CERTO...

«Difícil não é fazer o que é certo, é descobrir o que é certo fazer».

Robert Henry Srou

Pode dizer-se que a história dos grandes desportistas sempre foi lutar contra a limitação do que se pode fazer com o desporto.

Mas para isso é preciso viver-se eticamente, só assim se excede expectativas. Para mim, viver eticamente é sermos o melhor de nós mesmos, melhor para os outros e melhor em tudo o que fazemos. Não apenas um conceito, mas uma forma e estilo de vida.

Ética para mim é uma fé, não em Deus, mas no ser humano. Pois a ausência dela dá origem àquelas situações e notícias diárias que envergonham a humanidade. Pode não ser algo místico, é um conceito mental, mas não deixa de ser misteriosa a forma como nos indica a maneira digna e correta de viver. Porque não nos acrescenta nada, acorda e explora o que já existe de melhor em nós, as nossas virtudes, princípios e valores que desconhecemos ou esquecemos que temos.

Quando refletimos sobre a melhor forma de lidar com alguém, as ações a ter, as intenções e as consequências, podemos dizer que estamos a ser éticos. Ou pelo menos estamos a começar.

O desporto é exigente do ponto de vista social, envolve etnias, religiões, nacionalidades, classes sociais, e muitas diferenças, mas todos com algo em comum: o amor pelo desporto. Permite-nos celebrar as coisas que temos em comum em vez de salientar as diferenças, ajuda-nos a promover a fraternidade universal.

Na nossa história, já vimos a atividade desportiva empatar guerras, resolver conflitos, unir povos. Isto mostra o poder que o desporto tem em explorar o melhor do ser humano, a importância na nossa história, na cultura da humanidade, na sociedade global.

O desporto está em expansão, cada vez é mais importante nas nossas vidas, no quotidiano, na economia. E tem usado, lenta e discretamente, a sua influência e as ações que é capaz de empreender para melhorar tudo, por pouco que seja. Passa-nos a mensagem da anti-violência, abolindo racismo e xenofobia, a diferença de géneros e outros males humanos, promovendo a paz mundial e um planeta mais verde.

Todos os intervenientes diretos ou indiretos na atividade desportiva têm uma responsabilidade social acrescida, pois estão em posição de transmitir valores e princípios da ética, que os deve nortear, como honestidade, humildade, integridade, tolerância, igualdade, solidariedade, lealdade... Serem corretos, justos, adequados e flexíveis, não apenas profissionalmente, mas também em privado.

São os valores e princípios da ética que tornam a atividade desportiva uma experiência única, apaixonante e cativante. É o que a embeleza e a torna agradável de se viver, através do *fair-play*, do respeito pelas regras, reconhecimento e respeito mútuo, da pacificação e harmonia.

A ética é tudo o que nós queremos para os nossos filhos, seja qual for o caminho que a vida lhes reserve.

Quando me perguntarem onde está a felicidade, respondo para procurarem a ética, pois ela indicará o caminho.

TESTEMUNHOS INSTITUCIONAIS

Vítor Serpa, Diretor do Jornal *A Bola*

«Quando o dr. José Carlos Lima, coordenador do PNED, convidou o jornal *A Bola* para parceiro de um prêmio literário nacional sobre a ética no desporto, destinado a estudantes do ensino secundário, a aceitação foi imediata. Por compromisso histórico de *A Bola* na relação do desporto com a ética e a cultura; por nos permitir uma relação mais próxima com o universo de jovens estudantes portugueses; por se integrar, totalmente, no âmbito de uma visão didática e universal do desporto.

O concurso vai, agora, na nona edição, tem tido um crescente e assinalável sucesso e as centenas de textos recebidos (não apenas os vencedores) provam que a ética e os valores da vida não são indiferentes aos jovens portugueses. Pelo contrário, o conceito do compromisso do desporto com a ética e com as regras do *fair-play* está presente na grande maioria, que rejeita a vitória a qualquer custo e valoriza o que se convencionou designar por «verdade desportiva».

A Bola orgulha-se de publicar aqueles que foram considerados os melhores textos, por um júri diverso e competente. Esses textos também fazem, hoje, parte do imenso e inigualável património histórico e cultural deste jornal, com 75 anos de existência.

Faz, pois, todo o sentido continuarmos a desenvolver esforços para que a iniciativa, que também passou a abranger uma interessante participação dos reclusos dos nossos estabelecimentos prisionais, possa continuar a crescer, numa relação cada vez mais íntima entre a escola e todos os parceiros, que de forma tão disponível e generosa têm apoiado esta iniciativa do IPDJ, através do Plano para a Ética no Desporto. *A Bola* sente-se honrada por estar entre eles e por poder colaborar num projeto que, de forma tão evidente, acrescenta valor à formação dos jovens e ao futuro de Portugal».

José Vítor Pedroso, Diretor-Geral da Educação

«Com a promoção do Concurso Literário «A Ética na Vida e no Desporto», promovido pelo Plano Nacional de Ética do Desporto, estamos a criar mais uma oportunidade para desenvolver, apoiar e incentivar ações que valorizam a importância do espírito desportivo na formação e educação das crianças e jovens que frequentam o sistema educativo.

Consideramos que o desporto constitui um excelente meio de promoção e de desenvolvimento de valores sociais e pessoais para os mais jovens. Não temos dúvidas em afirmar que a participação dos alunos nas atividades promovidas pelo Desporto Escolar propicia potencialidades físicas e psicológicas, as quais concorrem, de forma inquestionável, para o desenvolvimento dos nossos alunos, sendo um espaço privilegiado para fomentar hábitos de vida saudáveis, valores morais, recursos psicossociais, que contribuirão decisivamente para a sua formação integral. Na verdade, a ética e os valores estão no centro de toda a atividade do Desporto Escolar.

Não poderemos deixar de assinalar a significativa adesão que se tem verificado, ano após ano, ao Concurso Literário, bem como a grande qualidade dos textos apresentados nesta nona edição do concurso. Deixamos aqui uma palavra de apreço e de reconhecimento a todos os candidatos e aos professores que os acompanharam, apoiaram e incentivaram na sua excelente produção literária.

O nosso compromisso, em conjunto com os nossos estimados parceiros, será o de garantir que a prática desportiva no Desporto Escolar continuará a promover incondicionalmente o espírito desportivo, através de uma abordagem criadora de um ecossistema educativo que inspire os nossos alunos e alunas e que reflita os nossos valores sociais, numa estratégia conjunta, envolvendo todos os atores educativos (organismos da administração pública, escolas, encarregados de educação, municípios, associações, clubes desportivos) nas medidas e ações de resposta à promoção do espírito desportivo».

Rómulo Mateus, Diretor-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

«Com as pequenas ações podemos mudar o mundo, e isso está nas nossas mãos. A ética é a relação entre aquilo que eu quero, aquilo que eu devo e aquilo que eu posso. (AG) ... assim inicia o texto elaborado por um dos cidadãos privados de liberdade... pensar, refletir e escrever sobre ética no desporto é também pensar sobre os valores, as regras que nos orientam na vida e nas nossas condutas em sociedade. Reflexões que nos transmitem o seu sentir e o quanto é importante valorizar o desporto como uma ferramenta que permite desenvolver competências que podem contribuir para uma mudança de atitudes e comportamentos.

Estar na Vida como no Desporto, vitórias e derrotas que nos transformam e adaptam para um saber estar e viver num mundo em que o respeito e a liberdade são mote para o sucesso individual e social.

Esta iniciativa, que coloca lado a lado estudantes que vivem entre grades e para lá delas, onde a criatividade é um elo que os une, evidencia, independentemente das barreiras que os distanciam, a importância de ser livre através da escrita».

Paulo Marcolino, Diretor Executivo da Fundação do Desporto

«Propor que jovens e adolescentes elaborem um ensaio em torno de três eixos fundamentais à vida, isto é, procurar os sentidos da própria Vida Humana, refletir sobre esta fantástica realização do Homem que é o Desporto e sobre a essência da nossa coabitação em sociedade, a Ética, é uma ideia com sentido!

Inicialmente destinado ao meio escolar, com as primeiras edições a serem promovidas junto de estudantes e, mais tarde, englobando um setor social que importa integrar, o mundo prisional, o Concurso Literário «A Ética na Vida e no Desporto» deu passos estruturais e de alguma forma inéditos.

Os parceiros que envolve demonstram bem o sucesso desta iniciativa do Plano Nacional de Ética no Desporto.

A Fundação do Desporto integrou este projeto desde a primeira hora, com sentimentos mistos de honra, privilégio e satisfação, mas acima de tudo com a responsabilidade de trabalhar um pilar de grande relevância: a Ética.

O resultado prático está bem patente neste conjunto de textos dos concorrentes. Por vezes um pouco divergentes de um ensaio literário, mas bons exemplos da aculturação e literacia que é possível fomentar na sociedade com benefícios indelévels para o bem comum».

Direção Regional do Desporto – Açores

«A associação desde a primeira hora do Governo dos Açores através da sua Direção Regional do Desporto ao PNED, como seu parceiro estratégico, conferiu ao Plano uma verdadeira dimensão nacional, e tem sido concretizada, desde 2012, através da divulgação e implementação de várias ações, iniciativas e projetos em articulação direta com o Projeto específico «Ética no Desporto Açores», sempre na procura de um Desporto mais positivo, com mais valores, com mais ética.

O Concurso literário «A Ética na Vida e no Desporto», em boa hora promovido pelo PNED, mereceu desde o início e por parte da DRD, toda a aceitação e envolvimento necessário à sua divulgação e promoção na Região Autónoma dos Açores.

A publicação dos textos premiados ao longo das várias edições já realizadas, agora concretizada em formato de livro, é uma oportunidade de dar ainda mais visibilidade e sentido à participação de todos aqueles que se sentiram desafiados a aderir a este movimento, por um Desporto mais positivo, valorizando os seus princípios de ética, de integração, de tolerância e de colaboração, tal como deve ser a nossa vida em sociedade.

A DRD congratula-se pela adesão a estes concursos por parte da população estudantil da Região Autónoma dos Açores Região, e orgulha-se da obtenção de prémios por parte de alunos das ilhas de Santa Maria e de São Jorge, que viram a qualidade dos seus textos reconhecidos pelo júri nacional, nas edições de 2017 e 2018.

Esperamos e desejamos que sirvam de exemplo e de motivação para que outros no futuro o façam, dando dessa forma o seu contributo para uma melhor aquisição, promoção e vivência da ética e dos valores, no Desporto».

David Gomes, Direção Regional do Desporto – Madeira

«O desporto é uma escola de valores e reflete a sociedade em que vivemos, podendo inclusivamente ser utilizado como um fator transformador, para melhorar a formação cívica e pessoal de cada criança, de cada jovem, na construção do nosso presente e futuro. É uma área de formação não formal privilegiada, que é sustentada numa relação dialética, individual e/ou coletiva, face aos colegas e até mesmo aos oponentes. Praticar desporto é reconhecer o adversário e as regras como parte fundamental da nossa prestação, e saber respeitar o outro e as regras são aspetos essenciais na formação da personalidade do desportista.

Não há dúvida que, desde a antiga Grécia, o Olimpismo assumiu uma dimensão mística de superação do homem. Não obstante, ao longo da história, os Jogos Olímpicos promoveram desde sempre uma escala de valores que, apesar dos objetivos da superação, da conquista do record e da vitória, tiveram sempre presente os valores éticos do respeito pelo adversário, pela elevação do *fair-play* aliando o desporto à cultura, à educação e até como filosofia de vida.

O Olimpismo promoveu desde sempre o respeito pelos princípios éticos fundamentais universais e viu o desporto como um fator privilegiado do desenvolvimento intrínseco da pessoa, enquanto ser. A ideia é que a prática dos valores olímpicos assentes na excelência, na superação, na amizade e respeito pelos outros, ultrapasse os anfiteatros desportivos e influencie a vida de todos na prossecução de uma sociedade melhor.

Contudo, hoje, estes valores pilares do Olimpismo estão em crise!

A nossa sociedade exige o resultado a todo o custo, e os valores supremos da prática desportiva estão ameaçados, em alguns clubes, dirigentes e treinadores e inclusive nas próprias famílias, onde se cobram o resultado aos educandos, gerando-lhes uma confusão de valores que acaba por influenciar a sua postura desportiva e a própria personalidade dos jovens atletas.

A escala de valores do desporto está em latente perigo e os comportamentos desviantes são cada vez mais frequentes, pelo que urge agir, agir com firmeza na sociedade, na recuperação da importância da prática desportiva saudável, na conquista de resultados com labor e lealdade e sempre no estrito respeito das regras e dos demais agentes desportivos envolvidos, nomeadamente, colegas, treinadores, dirigentes árbitros e público.

É preciso GRITAR as boas práticas, elevar as válidas conquistas e os nobres comportamentos, na retoma dos bons valores nascidos desde sempre no desporto do velho Olimpo».

ÍNDICE

PREFÁCIO: O FÍSICO E O ESPÍRITO [MÁRIO ZAMBUJAL].....	7
PISTAS DIFERENTES, A MESMA META [ANA CAROLINA SEQUEIRA].....	9
ÉTICA É O ESPELHO DAQUILO QUE SOMOS [ANA CATARINA OLIVEIRA RELVAS].....	11
AUTOGOLO [ANA FILIPA FERREIRA].....	13
A VIDA NA CADEIA [A.G.].....	15
A VIDA É UM JOGO [A.M.].....	17
DO PENSAMENTO GREGO A ALBERT CAMUS [ANA MARGARIDA SIMÕES].....	19
A ÉTICA NA VIDA E NO DESPORTO [A.F.].....	21
A ÉTICA NA VIDA E NO DESPORTO [BELISA GONÇALVES].....	23
O RENASCER DAS CINZAS [BERNARDO COELHO].....	27
A ÉTICA NO CENTRO [BRUNO CARVALHO].....	29
A CANDIDATA IDEAL [CAROLINA SILVINO].....	31
CARROSSEL DE DESENCONTROS [C.T.].....	33
A EVOLUÇÃO ÉTICA E MORAL [D.F.].....	35
A LETRA MORTA [D.V.].....	37
NUNCA É TARDE SE REALMENTE QUERES [D.R.].....	39
A VIDA É UM JOGO [DIANA RIBEIRO].....	41
DESPORTO, TALVEZ UM TUTOR PARA A VIDA [DIOGO NASCIMENTO].....	45
ETHOS [DUARTE PACHECO].....	47
CARPE DIEM [F.M.].....	49

ERA UMA VEZ [F.S.].....	51
UMA CORRIDA AO FUTURO [FRANCISCA SENA LINO]	53
PRESO À PISTA [GONÇALO FERREIRA DA COSTA]	55
A VERDADEIRA HISTÓRIA DO NASCIMENTO DA ÉTICA NO DESPORTO [HUGO PEREIRA DOS SANTOS].....	57
A ÉTICA NA VIDA E NO DESPORTO [H.M.T.]	59
<i>HOMO SAPIENTE</i> [H.T.].....	61
ÉTICA NO DESPORTO [I.S.]	63
A VIDA DA ÉTICA E DO DESPORTO [INÉS COSTA MACEDO]	67
A VIDA É UMA BOLA DE SABÃO [ISABELA QUADRADO].....	69
ESTOU NA CORRIDA [ISABELA QUADRADO]	71
A FILOSOFIA DO DESPORTO [JOÃO MARTINHO].....	73
PERDER OU GANHAR É DESPORTO [J.R.].....	77
HÁ SEMPRE TEMPO PARA MUDAR! [J.S.].....	79
VAMOS MUDAR (?) [J.S.].....	81
VIVA O DESPORTO. VIVA A MINHA NOVA VIDA [L.S.].....	83
A IMPORTÂNCIA DO DESPORTO [L.A.]	87
ÉTICA NO DESPORTO E NA VIDA [MARIA CRISTINA CAMACHO].....	89
A ÉTICA, SEM VOZ [MARIA MARGARIDA NOGUEIRA].....	91
O DÉRBI ENTRE SER E VIVER [MARTA CARRILHO].....	93
A ÉTICA E O DESPORTO [M.C.]	95
PARA QUANDO UM LUGAR ÉTICO NO DESPORTO E NOS SEUS ADEPTOS? [NUNO RIBEIRO].....	97
FICAMOS TODOS A GANHAR [N.S.].....	99
ABRAÇO O DESPORTO! [PEDRO POÇAS]	101
QUERIDO DESPORTO [RAQUEL BASTOS].....	103
ÉTICA COM DESPORTIVISMO PARA A VIDA [R.G.]	105
ÉTICA E <i>FAIR-PLAY</i> [R.V.].....	107
HÁ MAR E MAR, HÁ PERDER E GANHAR [RODRIGO VIEIRA DA SILVA]	109
DIFÍCIL NÃO É FAZER O QUE É CERTO [R.A.].....	111
TESTEMUNHOS INSTITUCIONAIS.....	115

Título: Ética na Vida e no Desporto. Compilação de textos premiados no Concurso Literário «A Ética na Vida e no Desporto»

Edição: © Instituto Português do Desporto e Juventude, IP / PNED Edições Afrontamento, Lda.

Coordenação: Conceição Soares e José Lima

Conceção gráfica: Edições Afrontamento, Lda.

Rua de Costa Cabral, 859 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt

comercial@edicoesafrontamento.pt

Coleção: Ética no Desporto | 14

N.º edição: 2086

Depósito Legal: 490399/21

ISBN: 978-972-36-1883-9

Impressão e Acabamento: Rainho & Neves, Lda. | Santa Maria da Feira

www.rainhoeneves.pt | geral@rainhoeneves.pt

1.ª edição: Outubro de 2021

